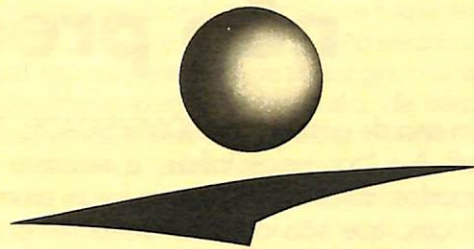




CONSELHO  
REGIONAL DE  
PSICOLOGIA  
CRP - 04



G E S T Ã O  
P S I C O D I V E R S I D A D E

í o r n a l d o  
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 10 • Nº 43  
SETEMBRO / OUTUBRO 1993



- **A** Psicologia é filha do caos. Saiba por quê na entrevista com Luís Cláudio Figueiredo. Páginas 3 e 4.



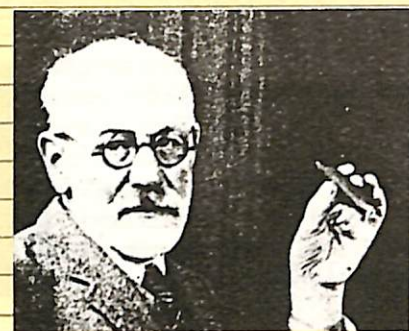
- **O** pensamento do filósofo Alain Badiou no resumo de tese de Marisa Sanabria Tejera. Página 5.



- **CRP-04** promove lançamento nacional do livro *Minérios Domados*, com poemas selecionados de Hélio Pellegrino. Página 6.



- **Processo Constituinte da Psicologia: um acontecimento.** Página 11.



- **Suplemento - Entrevista com o filósofo Alain Badiou - A Psicanálise nada tem a ver com a Psicologia**



Onze conselhos regionais da área de saúde, entre eles, de Psicologia, Odontologia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Medicina Veterinária, Biologia e Medicina, já estão se articulando para a promoção de um evento conjunto sobre Ética e Saúde, que deve ser realizado em meados do próximo ano. Para tanto, já estão acontecendo reuniões preparatórias para os organizadores do evento. A última, em 22 de outubro, foi realizada com palestra de Carlos Roberto Drawin sobre "Evolução do Pensamento Ético"



A gestão PSICODIVERSIDADE assinou novos convênios para beneficiar os profissionais inscritos no CRP-04. Os psicólogos que apresentarem carteira profissional têm direito a desconto de 15% na Drogaria Vacha - Rua Santa Cruz 635 e na Drogajau - R. Benjamim Jacob 71, ambas no bairro Gutierrez em Belo Horizonte. Conveniado também o consultório odontológico da Dra Maria de Freitas - Rua Tomé de Souza 860/801 - Savassi - Fone: (031) 261-5358 - que oferece descontos que variam de acordo com o serviço prestado.

E continua em vigor convênio com a Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda. São três lojas que vendem livros nacionais e importados, roupas, calçados e acessórios, além de papelaria, material escolar e editoração de obras e importação direta de produtos. Endereços: Av. Bernardo Monteiro 930 - Santa Efigênia, Avenida Alfredo Balena, 190 - Santa Efigênia e Av. Antônio Carlos 6.627 - Bloco M1 - ICB/UFMG, todas em Belo Horizonte. Fone: (031) 273-1955 - Fax: (031) 226-7955.

A participação dos psicólogos de Minas e Espírito Santo na Campanha contra a Fome e a Miséria e pela Vida, encampada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, pode não ter resolvido o problema da fome no país, mas, sem dúvida, contribuiu - e muito - para amenizar os efeitos da miséria. Em Belo Horizonte, todas as doações dos psicólogos foram encaminhadas, através do Comitê instalado na Paróquia do Carmo, para seu Centro de Atenção ao Desnutrido, que presta assistência a mais de 50 crianças, algumas delas com elevadíssimo grau de desnutrição. A partir deste mês está sendo inaugurada a Campanha do Leite, que pode ser doado (em pó ou longa vida) na Secretaria da Paróquia - rua Grão Mogol, 502, Sion, em Belo Horizonte.



No próximo dia 05 de novembro será realizada a Assembléia Geral Ordinária, que terá os seguintes pontos de pauta: apreciação e votação da proposta orçamentária para o exercício de 1994; prestação de contas; apreciação e votação da proposta de trabalho para o exercício de 1994; apreciação e votação da anuidade de 1994; e compra da sede do CRP-04. A Assembléia Geral terá início às 18 horas em primeira convocação e às 18:30 horas em segunda e última convocação. Será na Casa do Economista - Rua Paraíba 777, Belo Horizonte, MG.



## Para quem não precisa

Um ano de gestão PSICODIVERSIDADE. Teríamos motivos para comemorar? A julgar pelas falhas, a resposta é não. Mas não sejamos apressados: durante este período foram promovidas diversas e profundas mudanças, que vão desde o atendimento ao psicólogo inscrito até a realização de produtos e promoções pautados nos interesses da categoria.

De início, procuramos organizar a máquina administrativa, de modo que pudesse realmente nos oferecer condições para o desenvolvimento de nossas ações. E nesse aspecto, o nosso maior desafio tem sido a informatização. O excesso de falhas e a falta de confiabilidade em nosso sistema têm causado sérios transtornos a nós e a grande parte dos psicólogos inscritos, os quais têm sido incomodados com solicitações e cobranças indevidas. Transtornos a parte, desta forma estamos conseguindo dados confiáveis e reduzir o índice de inadimplência, o que nos permitirá cumprir as ações aprovadas pela categoria.

Mesmo com todo este desgaste de ordem administrativa, temos conseguido atingir de modo positivo o nosso principal público alvo. Os incrédulos e inconformados diriam que não é lá grande coisa reunir 500 profissionais em oito mesas-redondas, como aconteceu durante a Semana da Psicologia. Mas uma boa dose de realismo não faz mal a ninguém. Este encontro foi um marco não só para o CRP-04 mas também para a categoria que, agora, encontra na autarquia um agenciador e articulador dos interesses dos psicólogos e da sociedade.

Mas nossa credibilidade não tem sido resgatada somente junto à categoria. Entidades e órgãos como Secretaria de Estado da Saúde, Tribunal do Trabalho, Secretaria de Segurança Pública, universidades e muitos outros têm nos requisitado através de consultas e solicitações. Temos nos aliado a outros conselhos e instituições na tentativa de rompermos com o improdutivo isolamento.

Justamente por estarmos atentos às demandas da categoria, não temos desvinculado a Psicologia de problemas que afligem nossa sociedade. Mesmo reconhecendo seu caráter paliativo, Conselhos Federal e Regionais prestaram seu apoio, junto com os profissionais, à Campanha Contra a Fome e a Miséria e pela Vida, deflagrada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Sabemos que não é esta nossa função, mas entendemos que não podemos nos alienar, nos excluir de problemas de uma sociedade à qual pertencemos, seja como psicólogos ou cidadãos.

E é nesta dupla condição - psicólogos e cidadãos - que a categoria está sendo convidada a se implicar nos projetos deste Regional para o próximo ano. Em 05 de novembro estaremos realizando a Assembléia Geral Ordinária dos Psicólogos, fórum onde serão discutidas e definidas as estratégias de ação, bem como o orçamento para viabilizá-las. O comparecimento não é obrigatório - é um direito. Ninguém precisa participar ou optar pelo valor da anuidade. A Assembléia dos Psicólogos é para quem não precisa. É para quem deseja.

### 7º Plenário - Gestão Psicodiversidade

Quando estávamos em meio a esse processo, fomos surpreendidos pela presença, em Belo Horizonte, do brilhante filósofo francês Alain Badiou. Foi um acontecimento! Não perdemos a oportunidade e fomos tentar uma entrevista com ele. Após algumas dificuldades conseguimos nosso intento. É o que o leitor verá neste suplemento e que, temos certeza, será provocado por ele.

Para que esta entrevista esteja chegando até você, contamos com a valiosa colaboração dos colegas Célio Garcia, Jésus Santiago e Kátia Botelho. Nossos agradecimentos também para a conselheira de Juiz de Fora, Raymond Jouanneau Saraiva, e a todos os psicólogos que percebem a positividade do caos e reconhecem no atraso desta edição a nossa tentativa de oferecermos um Jornal do Psicólogo cada vez melhor. Eis um acontecimento!!!

**Ricardo F. Moretzsohn**  
Presidente da Câmara de Comunicação Social

Para fazer o Jornal do Psicólogo chegar até você, leitor, é necessário movimentar uma pequena estrutura técnica e operacional. São vários profissionais, funcionários e colaboradores envolvidos na tarefa de produzir um veículo que tenha como objetivo estar sempre se superando, se renovando; publicando artigos e matérias atualizadas, provocando e sendo provocado. Continua sendo nossa meta produzir um jornal que transcenda o informar sobre a instituição Conselho.

Pelo fato da tiragem ser bimestral, por vezes a pauta deve ser modificada na última hora. Isso acontece quando temos alguma questão ou fato relevante que mereça ser incluído. Foi o que se deu com este número do Jornal do Psicólogo. Tínhamos pautado como tema do suplemento "Escuta" o Caos, abordado, inclusive, em entrevista com Luiz Cláudio Figueiredo. Depoimento, aliás, pontuado por uma grande lucidez.

**Você vem trabalhando no campo da Psicologia, enquanto profissão e enquanto produção de conhecimento. Fale-nos sobre esse trabalho.**

Ele começou no final da década de 70, início da década de 80. Venho me preocupando com esse tema, exatamente porque é um campo aparentemente caótico, marcado por uma extrema diversidade de posições, que freqüentemente se chocam violentamente. Às vezes, estabelecem alianças muito estranhas entre si. E que, de qualquer maneira, deixam o estudante de Psicologia, o professor, o profissional com muitas dificuldades para entender. Então, de uma certa maneira, todo o meu trabalho de pesquisa nesta área foi exatamente gerado por uma sensação de que eu estava - nós todos estávamos, digamos assim - necessariamente convivendo com o caos e que era preciso descobrir um jeito de conviver bem com isso. Isto, no campo mesmo dos saberes psicológicos. O que gerou o meu livro *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Procuo fazer uma espécie de mapa da Psicologia contemporânea, não apenas colocando lado a lado as disciplinas, as teorias, os métodos, mas tentando ver como eles estão articulados, qual a proveniência deles em termos de idéias filosóficas, científicas, suas bases, fundamentos e implicações. Com isso, fui tentando articular esse conjunto. Não é que a gente decidisse: tal coisa é melhor do que outra. Pelo contrário. Minha idéia cada vez mais foi se consolidando, de que essa diversidade, apesar de difícil de ser administrada... por exemplo, é difícilimo uma universidade ou uma Faculdade de Psicologia administrar essa diversidade, fazendo com que no seu currículo ao mesmo tempo haja uma presença das diversas linhas e a formação seja suficientemente boa em cada uma delas. Mas apesar dessa complicação que a diversidade nos traz, aos poucos fui descobrindo que ela tinha algo muito positivo.

**Luis Cláudio Figueiredo é professor livre-docente da Universidade de São Paulo, coordena os cursos de mestrado e doutorado em Psicologia Clínica da PUC-SP e chefiava o Departamento de Psicologia da Universidade Paulista. Autor de *Matrizes do Pensamento Psicológico - Quatro Séculos de Subjetivação e Psicologia - Uma Introdução*, ele participou em Belo Horizonte de uma mesa redonda promovida pelo CRP-04 sobre Psicologia/Alternativas. Atento ao potencial gerador do Caos, ele considera positiva a proliferação das práticas alternativas que, através do confronto, obrigam também o psicólogo a dar respostas sobre o seu fazer profissional.**



**E o que seria isso?**

- Que ela podia ser aproveitada, podia ser valorizada. Fui me afastando da idéia de que era preciso eliminar a diversidade. Mas, que era preciso, ao contrário, conservá-la. Conservá-la de uma maneira inteligível, sensata, inteligente. Isso me levou, então, a uma compreensão provisória - não digo nunca que seja definitiva - desse campo de dispersão, que seria o universo das psicologias contemporâneas.

**E qual foi o processo histórico, através do qual se compôs o campo das psicologias contemporâneas?**

- Essa questão me levou a uma procura do campo da História. O que, afinal de contas, se deu no Ocidente moderno, para que, ao final do século 19, nascesse esse campo da Psicologia - e já nascesse cheio de cisões? Cheio de diversidades? No campo da Psicologia, a gente não tem primeiro um nascimento unificado, para depois, então, se verificar uma diáspora, uma série de cisões. Não foi assim. Ele já nasce comprometido com a diversidade. Mas isso não impede que o psicólogo se reconheça em outro psicólogo. Que ele consiga estabelecer algum tipo de contato e que haja alguma coisa de comum a todos esses campos.

**E o que há em comum?**

- Fui levado a fazer um estudo a partir, digamos, da produção cultural, desde o século 15 até o século 19, para tentar entender como é que haviam se constituído esses campos, esses lugares da Psicologia contemporânea. Este foi o tema da minha tese de livre-docência na USP e que veio a ser publicada no ano passado, com o título de *A Invenção do Psicológico*. Invenção do espaço da Psicologia e dos lugares que a Psicologia hoje pode ocupar. Mas, onde é que a questão do caos volta a aparecer? Eu já tinha falado do caos, ao falar do próprio campo da Psicologia. Pois bem, parece-me que aquilo que está por detrás do caos no plano teórico e metodológico é uma experiência caótica, uma experiência de diversidade, de cisão, que se dá no plano das práticas sociais, da vida em sociedade. Ou seja, o homem da modernidade, apesar de lutar contra o caos sociedade. Ou seja, o homem da modernidade, apesar de lutar contra o caos com todas as suas forças - e freqüentemente se autolimitando, se impondo com disciplinas terríveis, cercando-se de muitas defesas - ele é um filho do caos. A subjetividade moderna nasce, se transforma, se constitui e entra em crises

periódicas, mas sempre no contexto de lutas, da diversidade cultural, das experiências, dos projetos, das perspectivas de vida. É isso que, de tempos em tempos, renasce ou floresce de maneira mais intensa. E que vai, aos poucos, consolidando esse espaço - que é o nosso. O que há em comum é que elas cuidam de um homem que é filho do caos. E que, freqüentemente, tem dificuldades tremendas para conviver com esse caos.

**E como esse caos se manifesta?**

- Das maneiras mais diversas. Como lutas religiosas e políticas. Como uma abertura quase que desmesurada do leque das suas alternativas existenciais ou perda completa de referências. Enfim, a ausência de limites, de metas, de projetos consolidados ao nível coletivo. Ele sempre vai estar presente, aonde quer que o psicólogo apareça. Isso, não apenas no plano mais histórico. Quando a Psicologia chega a um país, a uma cidade, a uma comunidade, ela chega num momento em que este país, esta cidade, esta comunidade estão enfrentando experiências caóticas e estão tendo dificuldades com essas experiências. E aí você vai encontrar diferentes maneiras de lidar com elas. Acho que isso vai ser uma possibilidade de se estabelecer até critérios para diferenciar entre as diversas psicologias. Algumas, me parece que vão, muito claramente, se colocar como defensoras de um retorno à ordem. Como se fossem instrumentos de uma restauração de algum tipo de ordem, na qual aquele caos pudesse, de alguma maneira, ser eliminado, ser reduzido, ser equacionado de alguma forma que praticamente não deixasse rastros. Existem outras maneiras de se lidar com esse caos.

**Qual é a sua visão particular do caos?**

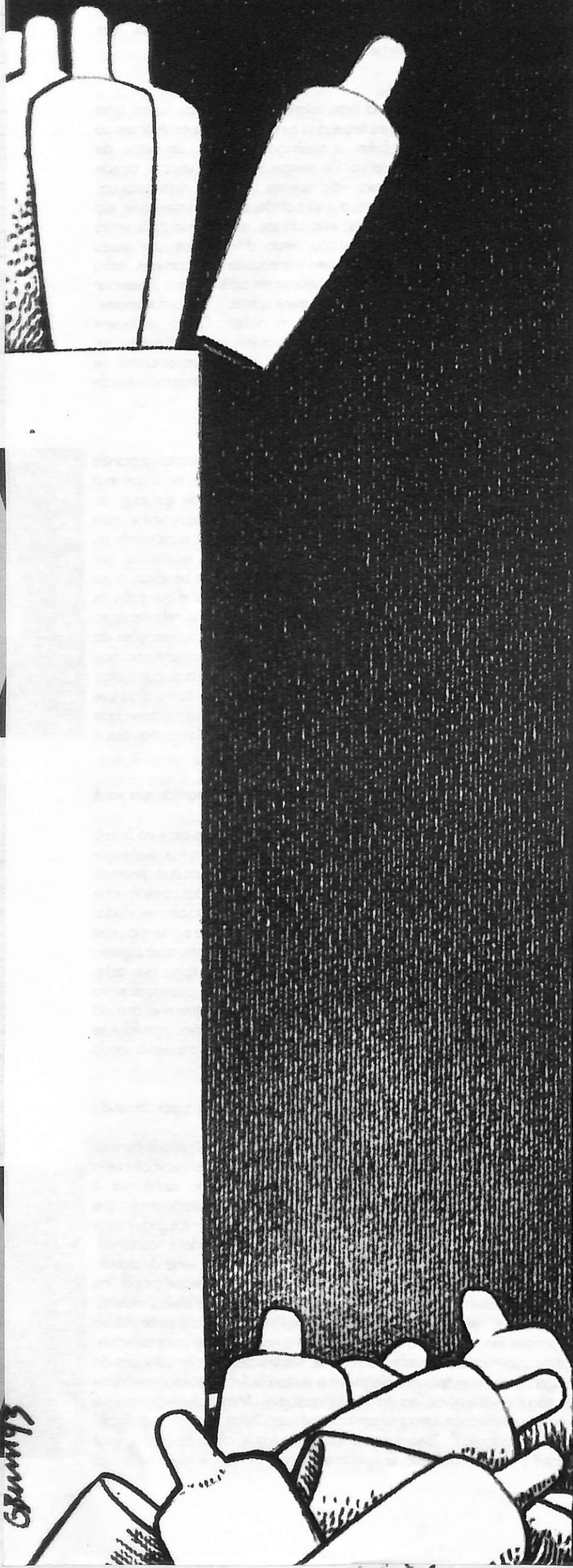
- Minha perspectiva particular é que não se deve ver no caos apenas o grande demônio, o grande mal, a grande negatividade. Pelo contrário, acho que se a gente for capaz de descobrir nesse caos o que ele tem de gerador, de propiciador, de fertilizante, de fecundador e for capaz então de acolhê-lo, não no sentido de uma administração racional, disciplinada, mas exatamente no sentido de abrir espaços para que ele possa existir nas nossas existências, nas nossas relações, enfim, nos nossos encontros, de uma maneira benéfica, aí eu acho que a gente estaria, realmente, à altura do que é o desafio que cabe às psicologias responder. Então, o meu percurso teve sempre essa referência ao caos, seja no plano da diversidade teórica, seja no plano das condições da subjetivação. Eu diria que, dentro desse percurso, o meu movimento acabou sendo o seguinte: a de partir de uma idéia mais negativa do caos, como algo que precisaria ser reduzido, para uma compreensão do caos como algo que precisaria ser acolhido e feito trabalhar, posto a serviço de uma produtividade - que não é a produtividade no sentido mais corriqueiro da palavra, mas que é a produção de criação, de fertilização.

**O que as práticas alternativas têm a ver com esse ponto de partida que você utiliza nas suas reflexões, ou seja, o caos?**

- Curiosamente, no discurso recente da Psicologia, pelo menos aqui no Brasil, práticas alternativas passou a ser um xingamento, quando o mais razoável é que pudesse ser um elogio. Até muito pouco tempo atrás, as pessoas que desenvolviam trabalhos alternativos tinham um máximo de respeito, eram consideradas inventoras, criadoras - enfim, alguma coisa que deveria ser muito bem recebida. Mas por razões que não vou aqui entrar em consideração, de um tempo para cá, falar em práticas alternativas no campo da Psicologia passou a ser alguma coisa muito pejorativa e estigmatizante. Então, a primeira coisa que acho importante é restabelecer o valor positivo do alternativo. Agora, quando se entra numa prática alternativa, numa produção alternativa, em qualquer nível que ela se dê, há riscos. E é natural que, então, a sociedade e os órgãos instituídos se preocupem e temem, de alguma maneira, avaliar esses riscos e o que está sendo feito.

**E por que você acha que essa visão seja estigmatizante? Seria por causa do mercado de trabalho?**

- Acho que sim, que passa por aí. Como talvez passe pela dificuldade generalizada de se lidar com a proliferação. É ameaçadora, a menos que você esteja muito preparado para ela. E a proliferação nesse campo, acho que é particularmente ameaçadora, porque ela acaba pondo em questão aquilo que você evita dizer - que é a carência ou a fragilidade dos fundamentos daquilo que você mesmo faz. Ou seja, mesmo o psicólogo mais convencional e acadêmico trabalha em bases muito precárias. Ele sabe - ou, se não sabe, sente de alguma maneira - o que há de frágil no que ele sabe, no que ele consegue propor, no que consegue realizar, no que consegue produzir em termos de efeitos, mesmo. De maneira que, num campo como esse, a proliferação é mais ameaçadora ainda, porque ela, ao mesmo tempo que abre o nosso campo para *outsiders*, para gente que invade e que, afinal de contas, nos tira clientes, mas além de tudo nos obriga a entrar num tipo de diálogo que é muito difícil. É muito fácil você dizer "aquilo não é científico" ou "aquilo não é Psicologia". Mas você imediatamente gera, no seu interlocutor, uma pergunta melindrosa: "Mas, o que é científico?" e "O que é Psicologia?". "Isso que você faz, onde é que, afinal de contas, você foi buscar? E aonde você está se fundamentando?". Então, é muito mais fácil



... você simplesmente estigmatizar, expulsar e dizer que aquilo nada tem a ver contigo, do que ser obrigado a entrar nesse confronto, em que você também tem que dar satisfações. E aí, acho que seria o segundo momento: quer dizer, o que é que eu penso na questão das práticas alternativas? Para mim, essa proliferação é útil exatamente porque nos obriga a dar respostas. Não a questionar o que o outro está fazendo, mas a dar respostas em relação ao que nós próprios fazemos. Então, essa situação de precariedade, de ambigüidade, ela pode ser tematizada, pode ser problematizada, exatamente a partir da necessidade que nós temos de nos confrontar com esses heréticos, com esses *outsiders* - com esses que, afinal de contas, invadem o nosso campo. Não é que eles invadam dizendo e fazendo o que eles quiserem... Não é bem isso, mas o que podemos tirar de proveito dessa invasão é a possibilidade de olhar para dentro do nosso próprio arraial e procurar mais e mais respostas para isso. Se você simplesmente assume medidas de expulsão e de exclusão, você primeiro não resolve nada, porque o cliente, efetivamente, não está interessado no que, afinal de contas, a Academia fala do seu terapeuta. Isso pode funcionar, até certo ponto, em instituições. Mas, a grande clientela particular, essa, quando procura, procura e quer aquilo mesmo - e não adianta o Conselho fazer isso ou fazer aquilo outro, porque não há como impedir. No máximo, o sujeito se desliga do Conselho e continua fazendo o que já fazia antes, dando o nome que quiser, porque o cliente pouco se dá com o que ele está se autodeterminando. Mas, ao fazer isso, o pior é que você não ganhou nada, em termos de resolução do problema, e perdeu a oportunidade de exatamente aproveitar esse confronto para retornar a uma reflexão própria acerca do que você faz e do que você diz. Essa é que é a minha valorização do alternativo.

■ A Psicologia hoje é diferente daquela de 31 anos atrás, quando a profissão foi regulamentada. Na saúde pública, hoje o psicólogo entrou com muita força e o que ele vem praticando não deixa de ser uma invasão na área até então instituída, que seria a área médica...

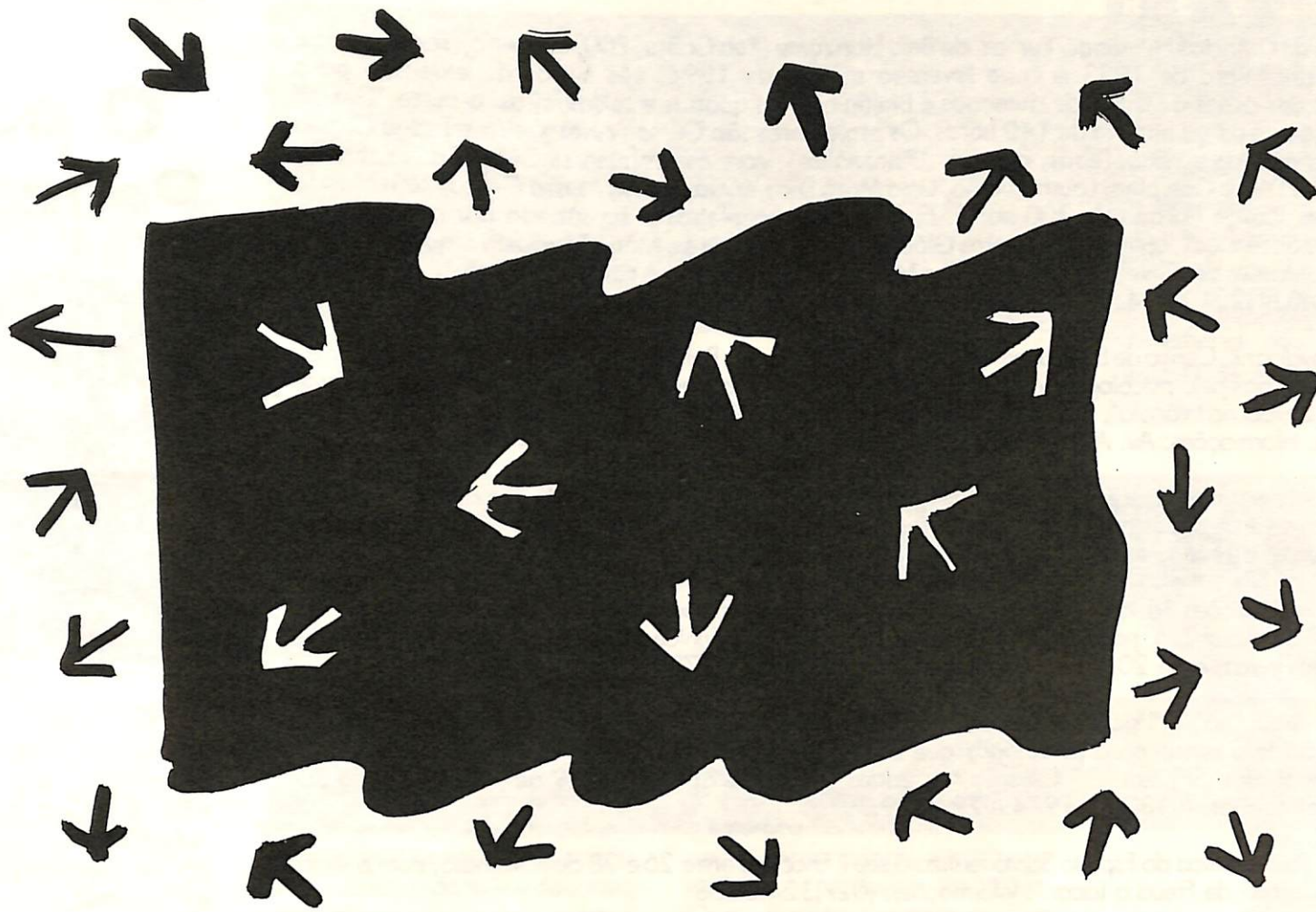
● Exatamente. Acho que é interessante, porque nessa invasão que nós cometemos - e continuamos cometendo, porque continua a haver uma expansão e diversificação no campo - nós não apenas estamos invadindo, mas também, inevitavelmente, estamos sendo invadidos por esses discursos. Porque, ao entrarmos numa instituição educacional ou hospitalar ou no sistema penitenciário inevitavelmente alguma coisa disso acaba se incorporando ao saber psicológico. Mesmo que aquilo não vá para o livro. Você pode passar muitos anos até que de repente saia um livro sobre a experiência do psicólogo no sistema judiciário. Mas, desde que ele esteja lá dentro, inevitavelmente a Psicologia começou a se modificar, para poder dar conta daquilo. Ela começou a incorporar discursos, conceitos, idéias que não são provenientes da própria Psicologia, mas que vêm das áreas com as quais ela é obrigada a entrar em contato. Acho muito interessante que esse processo de invasão possa acontecer. E assim como nós, ao invadir, podemos ser também invadidos, a mesma coisa acontece. Então, vamos pensar uma série de terapias chamadas alternativas naquele sentido mais negativo, não psicológico, elas produzem alguns efeitos. Como? Por que? Que experiência é essa? Como pensar a experiência dessas pessoas? Frequentemente, elas mesmas não têm a menor condição ou interesse de pensar e de refletir sobre as suas experiências. Há um conhecimento na prática que pode ser trabalhado. E ele não teve como origem o livro, o professor, a teoria. É um conhecimento que foi se dando ali mesmo. Então, para mim, um ponto de vista mais antropológico, mais tolerante, mais condescendente com essa variedade seria útil, para poder aprender com essas pessoas que estão praticando coisas e que poderiam também se beneficiar com a interlocução conosco, desde que a gente fosse capaz de formalizar e refletir sobre aquilo que está sendo feito. Não é dizer que tudo é bom, que tudo vale, que tudo é igual. Mas é uma questão de poder aproveitar.

■ É muito difícil conceituar o que é Psicologia e, mais ainda, o que é Psicologia oficial, não?

● Você acaba sendo levado a certas delimitações provisórias, que têm que funcionar para efeitos práticos. Você, por exemplo, tem a incumbência de organizar currículo, tem que definir. Não porque aquilo seja a única solução, mas porque para aquele currículo de professores é o melhor que se pode ensinar de Psicologia hoje.

■ No seu modo de ver, o papel de uma instituição como o Conselho seria o de agenciador? Ou seja, fazer circular esses processos?

● Exatamente. O que eu tenho observado nesses últimos tempos é que os Conselhos Federal e Regionais estão procurando fazer isso. Acho que esse processo de agenciamento, que é o processo de promover encontros, de forçar os contrários a se encontrarem, de permitir que vozes divergentes se manifestem e tudo mais, isso acho que já está começando a ser feito. O que me assustava um pouco era uma certa truculência na exclusão. Principalmente para mim, dava a impressão de que era uma tática defensiva, não apenas contra a invasão de quem vai pegar o meu cliente, mas defensiva no sentido psicológico mesmo, de através da exclusão de um inimigo ou cidadão acima de qualquer suspeita. Como a verdade. Você fica naquela posição de soberania. Acho que isso era contraproducente, porque não expulsava e você não se beneficiava em nada no processo e ainda se cristalizavam essas defesas, o que eu acho que não é muito bom, nem para a formação do psicólogo. Se eu posso falar numa ética do psicólogo, jamais seria a ética da exclusão. Seria a ética da escuta. A ética de uma permeabilidade, de uma possibilidade de ser atravessado por essas novidades, de ser atravessado por esses processos e tudo mais. ■



## Apresentação da tese

# O sujeito da transformação política

Marisa Estela Sanabria Tejera

A proposta de Alain Badiou é desafiante e renovadora. Sua tese é a de que a filosofia esteve paralisada durante um longo tempo "saturada". Porém ela não está morta, e é possível que retome seu vigor, é necessário dar continuidade àquilo que ficou suspenso desde a meditação cartesiana. Há que pronunciar-se sobre os três conceitos nodais - o ser, a verdade e o sujeito.

O movimento é distanciar-se da idéia de uma arquitetura unificadora, de um saber enciclopédico, e aproximar-se da verdade e da multiplicidade. O sujeito será neste gesto um articulador decisivo. Este sujeito não é substância, nem ponto de origem, nem organizador da experiência - é uma multiplicidade que não se pode discernir e está vinculado indissolúvelmente à verdade, esta última sempre errante e infinita.

Badiou percorre uma trajetória que tem alguns parâmetros bem definidos. Em primeiro lugar, o trânsito pela matemática, como uma via de acesso a outras formas de pensamento, a novas articulações lógicas, na tentativa reiterada da destituição do um e na vinculação à idéia de multiplicidade.

Em segundo lugar fica claro o abandono gradual de certas raízes do pensamento, sobretudo o hegelianismo, abrindo caminho para uma nova idéia do político, a "Política Inventada", uma outra dimensão que nada tem a ver com o número de votantes, com as propostas estatalmente realizáveis ou com o âmbito das democracias parlamentares.

Trata-se de entender a irrupção do dois, a singularidade, os acontecimentos nos quais aparece o heterogêneo, Maio de 68, a Revolução Chinesa, por exemplo.

Em terceiro lugar, a tentativa de redefinir a verdade, elaborando a questão do sujeito, essa verdade não pode ser prevista, é errante e infinita, seu trânsito é sempre governado pelo acaso. Contudo, ela deixa espaço para um sujeito singular e finito, produto de efeitos e transformações, que não está referido a nada, nem ao saber, nem a um outro, enfim, um sujeito sem objeto.

Em quarto lugar, a categoria de acontecimento como formulação nova possibilita que se pense o que não estava programado, mas que pode ser interpretável, e apresenta

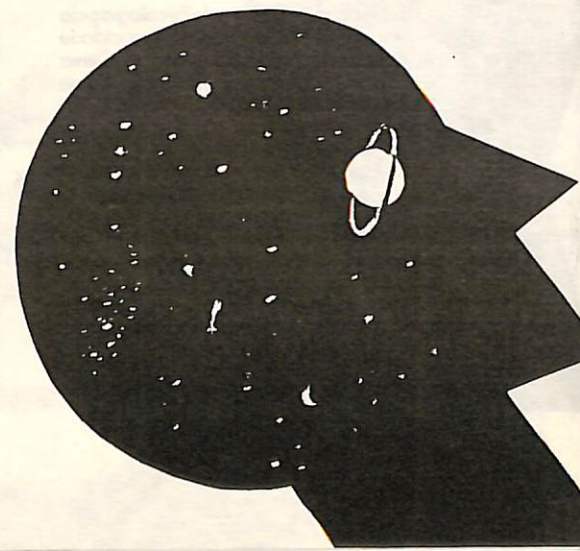
uma verdade sem ter como referência a representação ou a estrutura. Tudo isso está emoldurado pela proposta sempre presente de que o pensamento filosófico ainda é possível hoje, e que, se ele perdeu sua vigência pelas vicissitudes da política ou da história, nada o impede de tornar-se uma disciplina novamente florescente.

A proposta da tese "o sujeito da transformação política" é acompanhar Badiou a partir da obra "Peut-on penser la politique?" passando por "L'Être et l'Événement" e culminando com "Manifeste pour la Philosophie", rastreando esse percurso e esse esforço em determinar um sujeito, neste caso, aquele da transformação e da invenção política, aquele deslizante e evanescente que não permite nunca sua captura nem sua imobilidade.

Badiou nos convoca a pensar a política, a ciência e o amor a partir de uma perspectiva inovadora. E somente é possível afirmar sobre este autor aquilo que Philippe Lacoulabarte comenta referindo-se ao livro "L'Être et l'Événement". "Este livro é um grande livro, simplesmente porque ele é livre".

**Marisa Estela Sanabria Tejera é psicóloga, professora da Fumec e mestre em Filosofia pela UFMG. A tese "O sujeito da Transformação Política" foi defendida em novembro de 1991. O CRP 04 vai dispor de cópia para consulta ou reprodução.**

UNIVERSIDADE



# O poeta Pellegrino



Hélio Pellegrino é um nome reconhecido nacionalmente, fruto de seu brilhantismo, de sua força revolucionária e de sua incansável luta em defesa dos direitos humanos. Talvez por isso mesmo o poeta não tenha se evidenciado tanto quanto o desejável. Seus poemas são privilégio de poucos. Mas por enquanto.

O Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (CRP-04) e Afonso Borges Comunicação e Cultura promovem juntos, no dia 1º de dezembro, uma justa homenagem a este psicanalista que se revela, agora, para nós, como poeta.

Dentro do projeto "Cemig Sempre Um Papo" será lançado nacionalmente o livro *Minérios Domados*, obra que reúne poemas selecionados pelo jornalista Humberto Werneck.

Na vã e inevitável tentativa de trazerem a nós Hélio Pellegrino, serão exibidos vídeos com algumas de suas imagens e depoimentos, além de um audiovisual com o autor recitando seus próprios poemas.

Por fim, será realizado um debate sobre a vida e a obra de Pellegrino, com a participação de Humberto Werneck, o historiador Francisco Iglésias e o artista plástico Amílcar de Castro.

O evento acontecerá às 19:00 horas do dia 1º de dezembro, quarta-feira, no auditório da Cemig, em Belo Horizonte, avenida Barbacena, 1200.

ENTRADA FRANCA

A Faculdade de Ciências Humanas/Fumec, de Belo Horizonte (Rua Cobre, 200, Cruzeiro), realiza, entre setembro e dezembro de 1993 e entre fevereiro e julho de 1994, três cursos de extensão para profissionais das áreas de Ciências Humanas e Biológicas. Às quartas e sextas-feiras, o curso "Gestalt Terapia", que tem carga horária de 140 horas. Os professores são Gerson Alves Vieira e Tadeu Otávio Sampaio. Às quintas e sextas-feiras, o curso "Psicanálise", com os professores Célio Garcia, Ercília Gama, Jeanne D'Arc Carvalho, Laura Rubião, Lícia Mara Dias, Lúcia Grossi, Musso Greco, Ram Mandil e Sérgio Laia. Carga horária de 300 horas. E, em duas sextas-feiras e um sábado por mês, o curso "Psicoterapia Sistêmica", com as professoras Gláucia Rezende Tavares, Maria Elizabeth Siqueira Lemos, Raquel Santos Vieira de Oliveira e Rosana Freire Maia Rodrigues Costa. A carga horária é de 140 horas. Informações: (031)281.4044.

O Instituto Cavalcanti - Centro de Estudos em Sexualidade Humana, de Belo Horizonte, programou os seguintes cursos, coordenados pelo psicólogo Gerson Lopes: "Educação Sexual nas Deficiências", dia 6 de novembro; e "Educação Sexual na Infância", dia 4 de dezembro. Horário: de 8 às 18 horas, com duas horas de intervalo para almoço. Informações: Av. Afonso Pena, 3111, Cj 302/303. Tel.: (031)227.3413.

Com frequência quinzenal, sempre às quintas-feiras, 20h30m, na Faculdade de Ciências Médicas, em Belo Horizonte, são realizados seminários abertos sobre "O Sintoma" e "Escritos", com leitura de textos, respectivamente, de Freud e Lacan. Informações com Lúcia Montes: (031)223.0262.

Um curso sobre "Noções Básicas em Psicologia Hospitalar" será promovido em Belo Horizonte, entre 4 de novembro e 7 de dezembro, pelos psicólogos Paulo da Silva Sirio e Eunice Moreira Fernandes Miranda. Às terças e quintas-feiras, entre 20 e 22 horas. Informações: (031)433.2724 e 241.1568.

"Psicologia Junguiana" e "Psicomotricidade e Pedagogia do Movimento Humano". São dois cursos de pós-graduação lato sensu para psicólogos que a Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, vai promover em Santos (SP), em 1994. Serão realizados em duas etapas: 10 a 29 de janeiro e 11 a 30 de julho. Informações: (0132)33.1974 e 22.7229.

A Sociedade Psicanalítica do Espírito Santo realizará seu II Encontro entre 26 e 28 de novembro, com o tema "Estruturas Clínicas - de Freud a Lacan". Informações: (027)324.0268.

Estão abertas as inscrições para o XVII Congresso Internacional de Psicologia Escolar, a ser realizado em Campinas no ano que vem, entre 24 e 28 de julho. Paralelamente, acontece o II Congresso Nacional de Psicologia Escolar. Local: Campus da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Informações com Raquel Guzzo. Tel.: 00550192, ramais 225 e 212.

O Conselho Federal de Psicologia promoverá um Ciclo de Sessões Coordenadas, durante a XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, em Brasília. Data: 28 e 29 de outubro. Informações: (061)223.1811.

O IV Congresso Holístico Brasileiro será realizado em Salvador, no Centro de Convenções da Bahia, paralelamente à I Conferência Internacional de Reitores e Educadores para a Paz e o Meio Ambiente, ao III Congresso Holístico Pan-Americano e ao II Encontro Nacional Holístico de Crianças e Jovens. Data: 28 de novembro a 2 de dezembro. Informações: (071)247.2727 e 235.2284.

Acontece no período de 22 a 25 de novembro próximo o Simpósio Científico Cultural da Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Promovido pelo Diretório Acadêmico, Departamento de Psicologia e CRP-04, o evento terá como tema "Áreas emergentes em Psicologia". Informações: Departamento de Psicologia - Campus Umuarama. Tel.: (034)212.2111 - ramal 235.

Nos dias 3, 4 e 5 de novembro o Departamento de Psicologia da PUC-MG estará realizando, com o apoio do CRP-04, o seminário sobre o "Uso dos Testes Psicológicos". O evento, que será realizado na PUC às 19:30 horas, abordará os temas "A medida psicológica e o processo de elaboração dos testes psicológicos", "Avaliação da personalidade através das técnicas projetivas" e "Validade e precisão dos testes". A proposta do seminário, coordenado pela professora Ana Maria Sarmento S. Poelman, é analisar os fundamentos dos testes psicológicos como um dos instrumentos do psicodiagnóstico, seus usos e limites. Informações: (031)319.1235.

"Uma Criança é Espancada". Este é o tema dos seminários quinzenais que estão sendo realizados no Centro Freudiano sob a coordenação de Ana Maria C. L. Figueiró e Ana Luisa T. Oliveira. Informação: (031) 261.2117.

São Lourenço vai sediar o Encontro dos Psicólogos do Sul de Minas que acontece nos dias 25 e 26 de novembro. Serão abordados os seguintes temas: "Trabalho Interprofissional na área da Saúde", "Ética e Sociedade" e "O Psicólogo nas Instituições Humanas" Informações: CRP-04.

Subloca-se consultório de Psicologia pela manhã e noite; e sala com capacidade para 10 pessoas, para cursos. Ótima localização no Sion. Tratar pelo fone 221.9949.

Subloca-se consultório de Psicologia à R. Rodrigues Caldas, 670, sala 705, Santo Agostinho. Tratar com Lívia ou Catarina, no local, de segunda a sexta-feira, de 8h às 21h. Fone 446.2662.

Sublocação: Consultórios - infantil, adulto, grupo. Sublocação de sala para cursos. Tratar com Sandra ou Selma. Fone 296.7680.

Subloco horários pela manhã. Consultório próprio no Santo Agostinho. Sala mobiliada e decorada, em prédio novo, ótima localização. Tratar com Saskia. Fone 468.9121.

Subloco consultório ou divido consultório com mais duas pessoas. R. da Bahia com Timbiras (Igreja de Lourdes). Sala própria já montada. Tratar com Ariadne. Fone 225.7918 (manhã).

Psicóloga interessada em montar e dividir consultório. Experiência de sete anos na área de Psicopedagogia e outros. Tratar com June. Fone 344.2491.

Subloco consultório de Psicologia à R. Tomé de Souza, 503, sala 706, Savassi. Tratar com Alexandra. Fones 221.3166 e 385.1297

Subloca-se horários em consultório de Psicologia. R. Raul Pompéia, 43, sala 101, Savassi. Tratar com Edmar. Fone 227.5064.

Subloco horários consultório de Psicologia. R. Fernandes Tourinho, 235, sala 802, Savassi. Tratar com Regina. Fones 225.6295 e 224.5863.

Subloco horários consultório de Psicologia. R. da Bahia, edifício do Teatro Cidade. Tratar com Alice (225.5099) ou Cláudia (444.6509).

Sublocam-se horários em consultório de Psicologia. Centro. Tratar com Regina (463.6061), Angela (467.5628) e Carla (441.1872).

Consultório - Alugo horários para atendimentos de psicólogos e pedagogos. Espaço para atendimentos individuais e em grupo. Savassi. Fone 344.2287 (ligar ao meio-dia ou à noite).

Subloco horários em consultório de Psicologia, no Centro. Tratar com Consolidação. Fones 373.1736 ou 201.7441.

A psicóloga Elione Mattos Martins e a pedagoga Maria Tereza de Carvalho Machado, ambas psicanalistas em formação no GREP, apresentam uma nova leitura de um clássico do cinema. Em *Mephisto* desvendam a ilusão de totalidade.

# Mephisto:

## desvendamento do disfarce do Desejo

Inspirado no *Fausto* de Goethe e no demônio intelectual das lendas germânicas, *Mefistófoles*, que dá ao homem a ilusão de tudo compreender e dominar, o tema de *Mephisto* é recriado em peças teatrais, contos, filmes. Comentaremos aqui o filme dirigido por *Istvan Szabó*, baseado na vida real de um grande ator do 3º Reich que, como na peça de Goethe, vende a alma ao nazismo em troca de sucesso e prestígio.

Nosso protagonista, Hendrick Hofgen, é um ator talentoso que entrega à sua carreira no teatro todas as vicissitudes de sua vida. Na busca de viver uma ilusão de totalidade, perpetuação de um eu ideal, esforça-se por alcançar o olhar fascinado do público, como um filho que ama secretamente a mãe e tenta resgatar, no produto que oferece a ela, aquela que fornece ao sujeito uma identidade própria.

Porém, o filho pode ter a ilusão de ser o preferido da mãe, mas enquanto filho (um aspecto de seu ser) assim como o pai pode ser o preferido da mãe em seu caráter de esposo (também um aspecto de seu ser) de modo que correlativamente rompe-se a unificação ilusória da mãe e esta passa a ser mãe, esposa, filha e etc. O que ocorre na castração simbólica é que o filho deixa de ser o único, isto é, o que satisfaça a totalidade do desejo materno. Ao que nos parece, Hofgen recusa a castração simbólica e usa seu talento para confirmar e alimentar a ilusão de totalidade.

O eu ideal é, nos dizeres de Hugo Bleichmar, um enorme edifício assentado sobre um pilar que, ao manter a estrutura total, pode provocar seu DESMORONAMENTO no caso de se quebrar.

Imaginamos que seja esse o grande temor de nosso protagonista. Quando o Partido Nacional Socialista foi eleito, Hofgen fazia grande sucesso representando o *Mephisto* e seus amigos estavam todos em pânico. Vários atores fogem para outros países, outros se articulam como resistência e sua esposa Bárbara vem trazer-lhe a notícia. Travam o seguinte diálogo, ele diz: - "Mesmo que o Nacional Socialismo seja Governo, o que me importa? Eu sou alemão puro. Além disso, sou um ator. Faço teatro à noite, represento bem meu papel e volto para casa". Bárbara pergunta: - "Não entende o que está

acontecendo? Acha que a solução é trancar-se, esconder-se dentro de casa, em vez de assumir uma atitude concreta? Deve-se reagir ou ir embora se ameaçam a liberdade". Hofgen responde: "*Hamlet, Shakespeare*. Este é o único tipo de liberdade que há para mim. Para um ator. Você pode fugir, mas eu preciso do idioma alemão, de minha pátria".

Fazer como os outros seria o equivalente a castrar-se, implicaria perder toda a esperança de possuir o segredo fálico da mãe e de um dia talvez atingir aquilo que poderia fazê-la definitivamente feliz.

O que seria mais grave, Hofgen correria o risco de ver suas identidade subjetiva oscilar em direção ao vazio, uma vez que só podia mantê-la por intermédio dos olhos fascinados do público. Não podia renunciar à essa mãe, única garantia tanto da integridade narcísica quanto da integridade sexual.

A relação de Hofgen com o nazismo está dominada pelo tipo de discurso que a sustenta enquanto eu ideal. A partir daí, as posições ideológicas do grupo contam com sua imediata aprovação, mas isso não é só o efeito de uma submissão ao grupo; na realidade, resulta de uma satisfação narcisista que se consegue através da fusão com um grupo que seja equivalente a um ideal, ou seja, sem falhas.

Porém, nesse contexto de glória e sucesso, um velho amigo de Hofgen, que fazia parte da resistência ao regime nazista na Alemanha, ressurgiu em sua vida, necessitando de ajuda (tinha sido preso). Hofgen nessa época era diretor do teatro de Berlim, acreditava-se possuidor de grandes poderes junto ao Primeiro Ministro - que via no nosso protagonista um modelo comprovador da superioridade da raça alemã -, e solicita a ele que interceda a favor do

amigo. É quando se surpreende com as palavras humilhantes que lhe dirige o Primeiro Ministro: - "É melhor você cuidar de si próprio para não ser esmagado, por acidente, como um inseto. Você pensa que é alguém? Fora daqui, ator".

Esse golpe faz ruir a totalidade do eu ideal, que sendo quebrado pode causar seu desmoronamento. Torna-se necessário constantemente pressentir a medida da castração, se quiser exercer sempre e cada vez melhor seus talentos em contorná-la. Começa, então, a preparar seu novo personagem - *Hamlet*. Em seu discurso à preparação dos atores, diz: "O Príncipe da Dinamarca é o cavaleiro solitário que traz no coração altos ideais sobre a pureza do sangue e da raça (...) *Hamlet* é um homem duro, enérgico e resoluto (...) *Hamlet* é uma obra popular, e por assim dizer, remove a barreira que separa o público dos atores. O palco, as luzes, a ação, o som, e tudo o mais, e o público somado a eles, todos fundidos num grande efeito conjunto. Temos que fazer um teatro total!"

Concluímos com os dizeres de *Joyce McDougall*: "O perverso, tanto quanto o artista, é mestre em ilusão, porém, com uma diferença fundamental: a arte é a ilusão da realidade que o artista cria para si mesmo e para os outros, na esperança de comunicar e fazer sentir - e por fim, aceitar - sua ilusão. A *mise-en-scène* do perverso com o modo de agir que a caracteriza é a ilusão imposta ao sujeito, e o sujeito passará a vida tentando fazer que os outros a aceitem como uma realidade.

### Bibliografia

- Bleichmar, H. "Narcisismo" - Artes Médicas - Porto Alegre 1985
- McDougall, J. "Em defesa de uma certa anormalidade" - Artes Médicas - Porto Alegre 1983.



**Araxá**

A Psicologia da Comunidade tem despertado a atenção de diversos segmentos da cidade. Organizado recentemente pela articuladora do CRP-04 em Araxá, Aparecida Maria Cruvinel, o debate "A Função do Psicólogo na Comunidade" reuniu diversos interessados no tema. Destaque para representantes das associações Médica, Odontológica, dos Assistentes Sociais, das escolas, além do Instituto de Previdência da Prefeitura Municipal e do Seminário Católico.

**Divinópolis**

A saúde mental tem conquistado espaço a nível público. Esta conclusão é da articuladora do CRP-04 em Divinópolis, Arlete Diniz, que participou do 2º Seminário de Psicologia do Oeste de Minas, realizado em comemoração ao Dia do Psicólogo. Aproximadamente 80 pessoas, entre psicólogos, estudantes, médicos, profissionais da área de Educação e leigos interessados no tema debateram a saúde mental, a partir de questões como o modelo médico (medicamentos, diagnóstico, doença) versus condutas mais globalizantes que enfocam o aspecto psicológico (psicoterapia). A sociedade reivindica interlocução sobre saúde mental - um avanço.

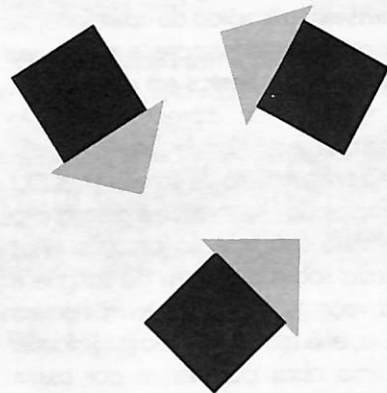
**Juiz de Fora**

A Câmara Municipal de Juiz de Fora recebeu proposta do Escritório Setorial da Zona da Mata (ESZM) de incluir no calendário municipal o dia de luta dos profissionais de Psicologia, 27 de agosto. Em sessão solene, os psicólogos Américo Galvão Bueno, representante do ESZM, e a conselheira Raymonde Jouanneau Saraiva solicitaram maior engajamento da Casa no resgate da identidade da Psicologia no município.

A partir de agora o ESZM se reúne, com periodicidade quinzenal, às sextas-feiras, às 19:00 horas.

A proposta é promover debates sobre Ética, Práticas Psicoterápicas e abordagens teóricas da Psicologia na Atualidade. Todos os profissionais estão convidados a participar de forma efetiva na consolidação deste núcleo de estudo.

"Psicologia X Psicanálise" e "Processo Constituinte" foram temas discutidos no Congresso de Psicanálise de Juiz de Fora, pela presidente do CRP-04, Mariana de Campos Mendonça, e pelo representante deste Regional na Comissão Nacional Organizadora do Processo Constituinte, Wilson Soares Leite. Esta discussão faz parte de um projeto mais amplo, que é a realização, no próximo ano, do Congresso Nacional Constituinte da Psicologia.



**Montes Claros**

Os psicólogos de Montes Claros e cidades vizinhas estão sendo apresentados à comunidade local através do Guia Saúde 93. Esta recente publicação recebeu o apoio do Núcleo de Psicólogos de Montes Claros.

**Patos de Minas**

Depois do debate sobre "Psicologia - Ética e Cidadania", com a participação da conselheira Suzana Cançado Teatini, membro da Câmara de Ética do CRP-04, os psicólogos de Patos de Minas voltaram a se reunir. No final de setembro, os profissionais da cidade receberam

para debate o deputado federal Paulo Delgado, autor do projeto de lei sobre assistência em saúde mental e internações compulsórias. As discussões, no entanto, não se limitaram a esse tema. Foram discutidas também questões ligadas à Lei de Diretrizes e Bases de Educação.

**São João del Rei**

Reunir profissionais e estudantes para discutir Psicologia não é tarefa das mais simples. Mesmo assim, a articuladora do CRP-04 na Zona das Vertentes, Maria Teresa Antunes Albergaria, e os psicólogos Geraldo Luiz de Oliveira Resende, Mário Lúcio dos Passos, Tânia Maria de Azevedo e Solange Geralda Chitarra realizaram uma bem sucedida programação para a Semana do Psicólogo. Entre os temas abordados destacam-se "O Processo Nacional Constituinte da Psicologia", "O Psicólogo e o Trabalho com Psicóticos Internos: Uma Visão Humanística Comportamental" e "Logoterapia de Frankl".

**Teófilo Otoni**

A psicóloga Maria Aparecida da Silva, que há um ano dirige o Centro de Reeducação de Teófilo Otoni, está com um projeto de transformar a penitenciária numa espécie de ponta de lança da campanha de combate à fome, no município. Quando assumiu, os 114 presos e 68 funcionários nada produziam, apesar de disporem de 56 alqueires de terra de boa qualidade. Atualmente, a penitenciária já é auto-suficiente em hortaliças e a diretora espera aumentar a produção de leite, de 40 litros, para 500 litros por dia. Ela conseguiu apoio da Nestlé para construção de currais e inseminação artificial do rebanho, de 48 cabeças, com sêmen de gado suíço. A proposta da diretora é doar o excedente da produção para a população carente de Teófilo Otoni. A psicóloga afirma que dirigir uma penitenciária rural, sem qualquer experiência, foi o maior desafio que já enfrentou. Parece que com sucesso!

**Referência Mínima**

Às Clínicas, Empresas e profissionais Prestadores de Serviços de Psicologia Organizacional. Assunto: **Referência Mínima de Honorários** para a área de Recursos Humanos. Tabela com valores atualizados para o período de 01 a 31 de outubro de 1993. O Conselho Regional de Psicologia 4º Região MG/ES leva ao conhecimento de seus inscritos e demais pessoas interessadas o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia - para o mês de outubro de 1993:

**UP = CR\$ 48,02**

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Recrutamento: (por vaga preenchida)  
OBS: a partir de 01/06/93 cobrança percentual em relação ao salário do cargo (Custo Empresa).

Até 1 salário mínimo e meio: 100%  
Acima de 1 salário mín. e meio: 75%

- Avaliação Psicológica: (por laudo)
  - Nível Operacional: **55 UPs = CR\$ 2.641,10**
  - Nível Técnico: **80 UPs = CR\$ 3.841,60**
  - Nível Superior: **100 UPs = CR\$ 4.802,00**

- Treinamento: (por hora de atividade) **130 UPs = CR\$ 6.242,60**

- Consultoria: (por hora de atividade) **200 UPs = CR\$ 9.604,00**

Para quaisquer esclarecimentos que por ventura se façam necessários, ligue (031) 261-1146.

**PSICOLOGIA EDUCACIONAL**

À venda na sede do CRP-04, em Belo Horizonte, os

**Anais do 5º Encontro de Psicologia Educacional.**

Informações pelo telefone **(031)261.1146**

**Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.**

**• Escritórios Setoriais:**

- Espirito Santo (EES)** - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Rua Alberto de Oliveira Santos, 42/1511 - Ed. Ames, Vitória, Espírito Santo. Tel.: (027) 222-7394.
- Triângulo Mineiro (ESTM)** - Representante: Sérgio Paonessa Maiorino - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba - CEP 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.
- Zona da Mata (EZM)** - Representante: Américo Galvão Neto. Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.
- Articuladores:**
- Araguari:** Lúcia Santos Coelho - R. Uberaba, 266, Centro. 38440-000. Tel.: (034) 241-3179
- Araxá:** Aparecida Maria de Souza Borges Cruvinel - Rua Doutor Edmar Cunha, 219 A, Centro. CEP 38180-000. Tel.: (034)661-4108
- Cachoeiro do Itapemirim:** Carmen Lúcia Rocha de Jesus Grillo - Av. Pinheiro Júnior, 23, Centro. CEP 29307-300 Espírito Santo. Tel.: (027) 521-0944 Ramal 1494
- Divinópolis:** Arlete Marchiori Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214.

- CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.
- Governador Valadares:** Sandra Athayde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112, Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.
- Ituiutaba:** Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.
- Montes Claros:** Ana Cristina Couto Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.
- Muriae:** Margarida Maria Paulo Rodrigues - Rua Barão de Monte Alto, 125/113. CEP 36880-000. Tel.: (032)721-0510.
- Patos de Minas:** Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Caixeta. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.
- São João del-Rei:** Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-4167
- Ubá:** Maria de Fátima Paula de Souza - Av. Comendador Jacinto Soares de Souza Lima, 1052/201. Tel.: (032)371-4167. CEP 36500-000.
- Uberlândia:** Angela Melo - Rua Seriemas, 366, Cidade Jardim. CEP 38403-077. Tel.: (034) 238-1512 e 236-2744.



# Pichação

## Uma leitura psicanalítica

A autora é graduada em psicologia clínica, psicanalista e membro do setor mineiro da Iniciativa Escola Brasileira de Psicanálise. O texto foi produzido com base em entrevista aos formandos das Faculdades Integradas Newton de Piva, curso de Comunicação Social, 8º período-manhã, 1º semestre de 1993, para elaboração de monografia com o tema Pichação.

Terezinha Marta Colombo Drumond

O fenômeno da pichação e as várias questões que se colocam com relação àqueles que a praticam é instigante. A psicanálise tem o que dizer sobre isso.

A mídia anuncia um perfil daqueles que são nomeados "pichadores". Tratam-se, em sua maioria, de adolescentes, pertencentes à classe média, fazem parte de uma família, frequentam uma escola, e, principalmente, formam grupos e cada grupo possui um código que os diferenciam uns dos outros.

Dois aspectos aí se evidenciam: o primeiro é essa tentativa de inscrição no corpo social. Essa é uma inscrição que faz enigma, ela, por si só, interroga e questiona.

Pensando na adolescência como um momento decisivo na constituição de cada sujeito, momento de resignificação Edípica, constatamos que uma questão crucial para cada ser vivente é colocada: qual é o meu lugar, quem sou eu, que lugar eu ocupo no desejo do Outro?

Em Psicanálise, a adolescência não se limita a um tempo cronológico; ela é pensada como um tempo lógico, necessário à constituição estrutural de cada um.

O Édipo é o destino. É a vivência edípica que vai determinar como esse tempo lógico se manifestará.

O ser humano é o mais indefeso dos animais. Ao nascer, ele depende que um outro venha erogeneizá-lo para possibilitar sua existência. Ele já encontra um lugar pré-existente a ele, determinado dentro de um discurso. A linguagem o antecede - ele já tem um nome e um lugar no desejo do Outro.

É verdade que esse primeiro Outro é o Outro materno (algo ou alguém que exerça essa função). Um Grande Outro interpretante das necessidades da criança. Essa interpretação não acontece segundo o desejo da criança, mesmo porque ela ainda não deseja. Isso já nos aponta que o sujeito nasce no campo do Outro.

Esse primeiro momento do Édipo promove a ilusão da completude, a criança é o falo desse Grande Outro. Uma completude narcísica é aí revelada.

Porém, algo acontece para que essa mãe apareça como ser-de-falta; a função paterna vem barrar o desejo incestuoso. Para que isso ocorra torna-se necessária uma mediação. Essa mãe precisa permitir que o pai (algo ou alguém que exerça essa função) se apresente, que a criança se depara que o desejo dessa mãe se desvia para um lugar outro.

Se no primeiro momento do Édipo a mãe detinha o falo, representante de algo que a completava, agora é o pai que o possui. Este segundo momento

vem possibilitar à criança identificar-se com esse pai na tentativa de resgatar o objeto de amor primeiro, que está perdido, que cai com causa, causa de desejo.

No terceiro momento o falo é uma instância para além de qualquer pessoa; ele é reduzido à condição de significante. O advento da metáfora paterna vai possibilitar a entrada da criança no universo simbólico, na aquisição da linguagem, na diferenciação dos sexos.

"... A metáfora se coloca no ponto preciso onde o sentido se produz no sem-sentido"...

Reduzir o Complexo de Édipo, que é a principal descoberta Freudiana, a amar mamãe e odiar papai, é ignorar que Freud usa a linguagem do mito para transmitir a ambiguidade que rege as relações humanas. Se Freud se atém ao real, ele também chama a nossa atenção, em toda a sua obra, para o universo simbólico que regula as relações.

Lacan, ao fazer a releitura dos textos Freudianos, vai precisar que o fundamental da herança de Freud são os caminhos formulados por ele, através da teoria do complexo de Édipo. Esses caminhos nos apontam o modo particular de cada um para se constituir como sujeito desejante.

Os pichadores, com seus códigos, seus grupos e com a questão da existência colocada, faz pensar que estes, passando pelo Édipo, constituíram uma estrutura psíquica que permite fazer laço social, o que possibilita a estrutura de grupo.

O grupo se constitui em torno de um ideal e o líder vem substituir o pai do segundo tempo do Édipo pondo a questão da identificação.

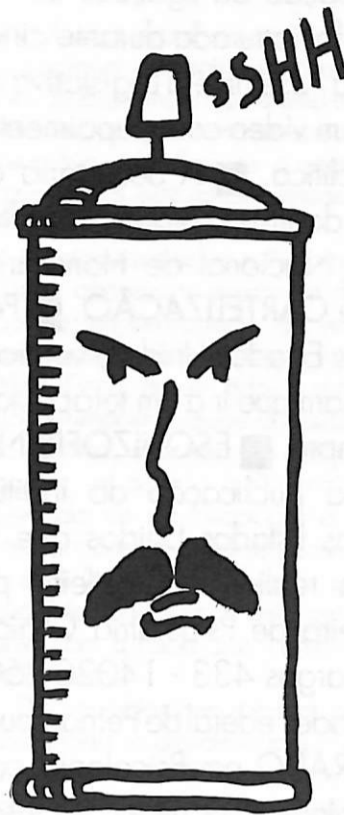
Na adolescência o que se busca é essa resignificação. Cada um vai viver isso de variadas formas. No caso específico do pichador, ele picha-a-dor da perda irreversível.

Na tentativa de resgatar o que está perdido desde sempre, o "objeto a causa de desejo", é certo que esse sujeito vai repetir pela vida, das mais variadas formas, o ato de pichar.

A escolha de pichação como forma de expressão dessa angústia é apenas uma delas. Todo ser que passou pelo Édipo e adquiriu essa estrutura, esse modo de ser-no-mundo, um a um, vai construir sua forma particular de não querer saber de nada d'isso.

O segundo aspecto que se evidencia é o do ato transgressor. O reverso da lei é a transgressão. Ocorre com a pichação a transgressão de uma lei e o próprio ato evidencia, também, seu reconhecimento e um chamamento para que esta advenha e promova uma interdição. Que a função paterna se faça presente.

É importante pensar que há uma lei



entre os grupos, que leva a um certo lugar e a um desafio ao pai. No momento em que um grupo inscreve sua marca num lugar, ele também impede que um outro grupo atue ali.

Os lugares escolhidos para a pichação são os mais variados; preferencialmente são aqueles mais difíceis em acesso, mais valorizados socialmente, mais controlados, os que, inclusive, levam a pensar na transgressão do sagrado.

A lei, assim invocada, parece como função. O que está em jogo é uma tentativa individual de se constituir como sujeito de desejo.

Nomear-se "eu sou pichador" pode advir como resposta à questão colocada (quem sou eu, qual o meu lugar...). É possível encontrar nessa nomeação um pondo de ancoragem, um apaziguamento da angústia que emerge ao se deparar com a impossibilidade, com o vazio.

A civilização vem e proíbe, a sociedade dita as normas. A psicanálise não tem uma resposta para o social, somente para cada sujeito. O social também exerce uma função, porém, a resignificação da trama edípica que põe a questão da lei é de cada um na sua busca de sentido, no movimento mesmo de se reconhecer enquanto desejante.

A mídia deu um espaço importante aos pichadores e ao ato de pichar. Inicialmente, o ato transgressor foi valorizado socialmente. Os meios de comunicação que poderiam servir de instrumento para barrar tais atos contribuíram para que a pichação ficasse mais em evidência. É importante constatar que a mídia, ao dirigir seus interesses para outras questões e relegar a pichação ao esquecimento, aparece como fun-

ção paterna, ou seja, houve uma diminuição considerável das pichações, por algum tempo. A ambiguidade da função paterna se mostra, ela é sempre falha.

No que se refere à família, esta é importante como todas as outras coisas que pré-existem ao sujeito. Na subjetividade de cada um ela aparece também como função. É o inconsciente, e não a família, quem vai direcionar a vida do sujeito.

"O inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora do seu campo".

A lógica inconsciente é o avesso da lógica consciente; "... não há nenhuma significação que se sustente a não ser por referência a uma outra significação". "As estruturas da sociedade são simbólicas, o indivíduo se vale delas para condutas reais".

O que está em questão para cada sujeito é seu modo particular de relação com o objeto.

Se a Psicanálise não se propõe a dar conta da questão para o social; no um-a-um, se advém a angústia, é possível acontecer uma análise. Acontece que esta não traz nenhuma proposta de felicidade, não possibilita a recuperação do objeto perdido; no final de uma análise o que se depara é com essa impossibilidade. "Isso" se faz causa. O encontro é com o vazio, com a falta, com o que causa e põe em busca, com o que faz o ser desejante.

O que o homem busca não tem nome, ele não sabe o que é; porém os objetos se sucedem em sua vida para promover a ilusão do encontro, encontro este sempre faltoso.

Como buscar aquilo que causa é do particular. Cada pichador, apesar do grupo, vai significar seu ato com base na sua história pessoal.

### Bibliografia:

- Freud, Sigmund - Psicologia de grupo e análise do ego - Vol. XVIII; Dissolução do Complexo de Édipo - vol XIX, in: Obras Psicológicas Completas - Edição Standard Brasileira - Imago Editora - 1969.

- Lacan, Jacques - Introducción Teórica a las funciones del Psicoanálisis en Criminología - De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis - La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud, in: Escritos 1 - Siglo Veintiuno - 1984.

Agentes da Polícia de Investigações do Chile não perderam o hábito de torturar presos acusados de pertencerem a uma organização terrorista. Em março deste ano, uma das vítimas foi a **PSICÓLOGA** mineira Tânia Maria Cordeiro Vaz, de 38 anos, que desde agosto de 1991 morava com a filha de 13 anos na cidade de Rancagua, a 78 quilômetros de Santiago. Ela negou a acusação de ligações com a organização terrorista Lautaro e foi torturada durante cinco dias. ■ A Escola do Legislativo da Assembléia Legislativa de Minas Gerais está preparando um vídeo com depoimentos de Alain **BADIOU**. Assunto: política. ■ A Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça proibiu - e voltou atrás, logo depois - a Tabela Nacional de Honorários Médicos. Alegava existência de **CARTELIZAÇÃO**. ■ Pesquisa da revista U.S. News, nos Estados Unidos, verificou que 81% dos entrevistados afirmam que ir a um terapeuta é **PROVEITOSO**, às vezes ou sempre. ■ **ESQUIZOFRENIA - Perguntas & Respostas** é uma publicação do Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos que foi traduzida e adaptada para a realidade brasileira por iniciativa da Sociedade Brasileira de Psiquiatria Clínica. Contatos: Avenida Presidente Vargas 433 - 14020-260 - Ribeirão Preto, SP. ■ A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) oferece curso de **MESTRADO** em Psicologia com área de concentração em Psicologia Cognitiva. As inscrições devem ser feitas de 22 de novembro a 23 de dezembro no curso de mestrado em Psicologia, 8º andar, Cidade Universitária - 50.670-901, Recife, PE. Tel.: (081) 271.8272. A **SELEÇÃO** está marcada para os dias 17 e 18 de janeiro de 1994. ■ Vem aí o seminário "Uso dos **TESTES** psicológicos", uma promoção do Departamento de Psicologia da PUC-MG com o apoio do CRP-04. Veja coluna Agenda desta edição. ■ Já está à venda o livro Psicologia **ESCOLAR**: padrões e práticas em países de línguas espanhola e portuguesa. A obra, que pretende integrar experiências de Angola, Brasil, Costa Rica, Cuba, Espanha, Paraguai, Peru, Portugal e Venezuela, é organizado por Raquel Guzzo, Leandro Almeida e Solange Wechler. Para saber mais: Editora Átomo - Fone/FAX (0192) 32.9340 e 54.6573. ■ A psicóloga inglesa **SCHLAMIT** Ramon, que recentemente lançou na Inglaterra o livro "Fechamento de Hospitais Psiquiátricos - Mitos e Realidades", esteve em agosto no Brasil defendendo o tratamento psiquiátrico em hospitais-dia e pregando o **FIM** dos manicômios.

Ao acusar o recebimento de sua correspondência, agradeço os cumprimentos enviados e os votos de uma administração calcada em avanços sociais efetivos. Tenho muito respeito e afeição a essa categoria de profissionais de saúde, com abrangente e sempre solicitada atuação nas mais diversas ramificações da sociedade. Por fim, agradeço também a disposição desse Conselho em colaborar, renovar o propósito deste governo municipal em priorizar as questões sociais mais urgentes e de ampliar a participação popular.

**Patrus Ananias de Sousa** (Prefeito)  
Belo Horizonte MG

Através do **Jornal do Psicólogo**, tomei conhecimento de um grupo de estudos sobre o estatuto da criança. Tenho grande interesse em participar dessas reuniões e solicito a inclusão do meu nome na próxima oportunidade.

Sou psicólogo, administrador da Fundação Municipal da Criança e do Adolescente, e presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da cidade de Três Marias.

**José Odilon Rodrigues Pereira**  
Três Marias MG

O Centro de Prevenção e Tratamento de Toxicômanos (CPTT) da Prefeitura de Vitória é a única instituição pública especializada, referência para todo o Estado, Sul da Bahia e Sudeste de Minas Gerais.

O CPTT atua na pesquisa, prevenção e tratamento em ambulatório e hospital-dia. Nossa equipe compõe-se de psicólogo, psiquiatras, médicos clínicos, assistentes sociais, enfermeiros, sanitaristas e farmacêuticos.

Desejo intercâmbio com instituições e entidades que atuem na área. Nosso endereço: Rua Álvaro Sarlo s/n, Ilha de Santa Maria, CEP 29040-400. Vitória (ES). Fone (027) 222.0861 e Fax (027) 222.8607.

**Ítalo Francisco Campos** (Diretor do CPTT)  
Vitória ES

No intuito de trazer à tona o assunto levantado em carta enviada por V.Sas., parabeno esta atuação, mas sabendo que nossa classe, em função de nossa atuação tão diversa, não deve limitar-se apenas ao recolhimento de donativos.

A participação deve ser mais efetiva, principalmente quando ela parte de uma instituição estruturada que tem o papel de transformação.

De certa forma, somos transformadores da sociedade e, como tal, nossa responsabilidade é grande e devemos agir, na medida do possível, sobre o que nos aflige.

Em nossa cidade formamos nosso comitê, onde tive a honra de ser eleito presidente. Como tal, coloco-me à inteira disposição de V.Sas., ao mesmo tempo solicitando um envolvimento mais efetivo desta Instituição no combate à fome e à miséria, e pela vida.

**Marcílio Cypriani Gomes de Oliveira**  
Andradas MG

Venho através desta solicitar deste Conselho, se possível, e tendo em vista a liberdade dada no exemplar de nº. 41, que me seja enviado a partir de agora o **Jornal do Psicólogo**. É de meu interesse ter acesso aos textos e artigos do referido jornal, pois sou estudante de Psicologia da FUMEC (6º. Período).

**Ana Lúcia Nascimento Chiaradia de Andrade**  
Belo Horizonte MG

**Cartas para a redação:** Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04 - Assessoria de Comunicação Social - Rua Tomé de Souza, 860/10º andar, Savassi - Belo Horizonte-MG - CEP 30140-131. Este também é o endereço para envio de informações, inclusive para a página Interurbano, artigos e apresentação de teses para divulgação no **Jornal do Psicólogo**. Os textos devem ser encaminhado com o número de telefone para contato e endereço. Os assinados devem ter, em média, 80 linhas datilografadas, breve currículo profissional e, no caso das teses, indicação dos locais onde possam ser pesquisadas pelos interessados.

## Jornal do Psicólogo

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04  
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG.  
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Mariana de Campos Mendonça, presidente; Carus Trindade Guimarães, vice-presidente; Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

7º Plenário: Conselheiros Efetivos: Carus Trindade Guimarães; Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Maria Carmen Lopes Albrickere Barbosa; Mariana de Campos Mendonça; Raymonde Jouanneau Saraiva; Simone Maria Machado da Silveira; Sônia Maria de Brito Marques Porto; Susana Caçado Teatini; Zulma Canuto. Conselheiros Suplentes: Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Edith Lins Eto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Manoel Mata Machado; Márcia de Oliveira Prata; Regina de Mont'Alverne

Neto; Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Vicente Almeida. Conselheiros Federais: Ricardo Figueiredo Moretzsohn (efetivo); Vera Lúcia Dias (1ª suplente); Gerson Alves Vieira (2ª suplente) - Sebastião Rogério Góis Moreira (licenciado)

Coordenadoria Técnica: Heloísa Amaral;  
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira  
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04

Jornalistas Responsáveis:  
Andréa Rocha (MTb 4203/MG) e José de Castro (MTb 1922/MG)

Programação visual: Marcelo Xavier  
Ilustrações: Geraldo Benício, Marcelo Xavier e Marcelo Kraiser

Fotografia: Paulo Márcio

Edição gráfica: Cláudia Barcellos

Impressão: Editora Litero Maciel

Tiragem: 11 mil exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O **Jornal do Psicólogo** as publica por acreditar na diversidade das idéias.

# Sobre um acontecimento

Há um ano a gestão PSICODIVERSIDADE tem-se empenhado em mobilizar os colegas, convidando-os a participar de nossa tentativa de compreender o significado dos sintomas e crises por que passa a Psicologia, a formação dos psicólogos e as instituições representativas de nossa categoria, ou seja, Conselhos Federal, Regionais e sindicatos. Acreditamos que através de uma produção sistemática de conhecimento nutrimos nossa prática profissional e que os Conselhos podem ser tomados como potenciais órgãos de produção e circulação desses saberes. Com esta proposta, realizamos dois eventos por ocasião da Semana da Psicologia, que nos permitiram aprofundar, com a participação de mais de 500 colegas, a reflexão acerca de nossas práticas profissionais.

A partir da noção de "processualidade" - inerente aos indivíduos e também às instituições - tomamos hoje a Psicologia em processo de construção de uma nova identidade. Levando em conta os avanços teóricos e práticos já conquistados, buscamos reformulações administrativas, bem como o gerenciamento de questões afetas a nossa profissão dentro da realidade brasileira e da pluralidade teórico-prática com que nos deparamos.

Sem a idealização de unidade e completude, nos aproveitamos da vivência da diversidade, da ruptura e da própria possibilidade de dissolução para criar uma nova ordem que privilegie todo o potencial de identidade processual da Psicologia e suas instituições. A este movimento temos chamado de "Processo Constituinte da Psicologia no Brasil" e tais eventos nos permitiram refletir acerca da Psicologia que, como bem nos diz o professor Luiz Cláudio Figueiredo, é "reconhecida como espaço de dispersão" enquanto área de saber e de atuação profissional. Trabalhamos com a diversidade de pressupostos e fundamentos e com as implicações daí decorrentes nos contextos sócio-histórico-culturais brasileiros para que, ao final, possamos encontrar um novo *ethos* para a Psicologia e psicólogos neste final de século.

Já no primeiro dia da mesa "Psicologia/Alternativas" pudemos repensar a história da Psicologia através do trabalho do professor Pedro Bessa e refletir sobre a Psicologia Política junto com o professor Antônio Penna. Desembocamos num esforço de interpretação feita pelo professor Luis Cláudio Figueiredo acer-

ca das teorias e práticas na Psicologia Clínica, que sabemos ser a área de concentração de um enorme número de colegas. O tempo foi reduzido para discussão de tantas contribuições, mas certamente ofereceu subsídios às oito mesas-redondas que buscavam contemplar as diversas áreas de atuação do psicólogo e promover um debate em torno da formação profissional e da institucionalização da Psicologia.

## "O atravessamento da Psicanálise na formação profissional ficou como um provocante desafio".

Ficou patente a ampla gama de questões que a discussão em torno dos fazeres da psicologia suscita. No debate: "Psicólogo, profissional da saúde", discutiram-se questões importantes em torno de emergência, prevenção e os desafios para o psicólogo no campo da saúde mental. Aspectos da ética, da cidadania, do inconsciente bem como da questão medicamentosa foram abordados. É um campo em expansão que sofre de uma enorme carência de produção teórica e de articulação com outros saberes de Psicologia. No debate sobre a Psicologia na Comunidade, questões relativas à saúde mental reapareceram, desta vez, vinculadas à saúde pública. Ficou claro, o papel político das Instituições da Psicologia no tocante a garantia de uma concepção mais avançada na atenção à saúde mental pública.

Na área da Psicologia Escolar o debate procurou identificar as características definidoras do lugar do Psicólogo escolar. Falou-se de seu "olhar" e sua "escuta" que o diferen-

ciam dos outros profissionais da área educacional e ressaltou-se suas funções de intervenção, de ensino e de pesquisa, sempre numa perspectiva preventiva. Identificou-se o enorme vazio que as instituições formadoras têm deixado neste campo.

Os discursos sobre a Psicologia Clínica apontaram sempre na direção de um contraponto (às vezes contraposição) entre esta e a Psicanálise. Ficou, de um lado, a sensação de impossibilidade da Psicologia Clínica, que não tem saída a não ser em direção à Psicanálise, deixando de ser Psicologia e de outro, um convite a que se pense na possibilidade de construirmos uma nova Psicologia Clínica que, quiza, conte com a Psicanálise como seu fundamento.

Discutiu-se também sobre as políticas sociais no atendimento à criança e adolescente. Consta-se haver uma enorme necessidade da presença do psicólogo nesta área mas não há uma política explícita que o inclua. É necessário à Psicologia promover uma escuta mais acurada destas demandas e, ao mesmo tempo, fortalecer, através de suas instituições, a luta no sentido de criar políticas para a criança e adolescente que sejam mais eficazes.

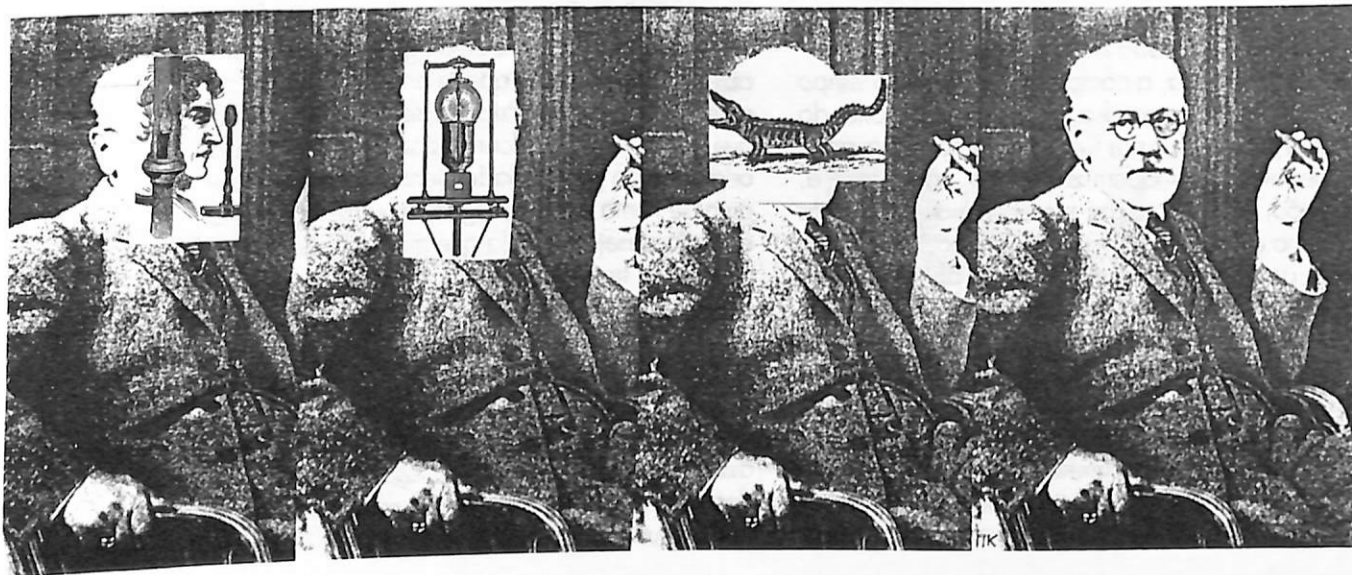
A Psicologia nas organizações catalizou um acalorado e concorrido debate com participação de inúmeros profissionais desta área. Versou sobre o papel dos psicólogos nos sistemas de qualidade e produtividade nas organizações. As colocações variaram entre as críticas no sentido de identificar a prática dos psicólogos como sendo de cunho conformista, dependente e colocando na organização toda a verdade, e as afirmações mais otimistas no sentido de que a tecnologia psicológica posta a serviço das organizações possa levar os trabalhadores a melhores condições no trabalho.

Mas foi sem dúvida alguma no debate sobre a formação profissional que ficaram mais expostas nossas mazelas, nossas faltas. A Psicologia com todas as suas diversidades oferece, sem dúvida, nenhuma, um enorme desafio às instituições formadoras. Muitas vezes tem-se a sensação de um enorme anacronismo e inadequação entre a Psicologia vista na Universidade e a que se faz nos seus espaços diversos. Mais uma vez aqui constata-se de forma muitas vezes hegemônica a presença maciça da Psicanálise na formação do psicólogo, sem que de fato haja uma eficiente articulação destes dois saberes no sentido de contribuir para a construção de um estatuto científico para a Psicologia. Este atravessamento da psicanálise é algo que ficou como um provocante desafio.

## "Tomamos hoje a Psicologia em processo de construção de uma nova identidade".

Na mesa sobre a Institucionalização da Psicologia, o debate foi instigado pela proposta de uma análise institucional das entidades "versus" a possibilidade de tais entidades agenciarem os processos que hoje se dão dentro da multiplicidade da Psicologia, numa busca de produção de verdades.

Nesta hora em que vivemos um momento histórico de re-pensarmos a Psicologia, cabe ressaltar a importância deste processo constituinte da Psicologia brasileira na medida em que tem buscado (e o tem conseguido) criar espaços em que se possa discutir livremente as diversas concepções, suas práticas, seus fazeres, sua ética e seus significados.



# Ciência e existência (I)

Se é verdade que, para o historiador, é uma temeridade julgar o presente, para o filósofo o pensamento só é fecundo se souber acolher as interrogações de sua época. Ou, segundo a definição clássica de Hegel, a filosofia transpõe ao conceito a consciência epocal, não para apreendê-la naquilo que ela certamente é, mas para obrigá-la a transgredir os seus limites e revelar-se naquilo que ela aparentemente não é. Pois, não é outro o esforço da dialética, senão tornar o pensamento dócil à riqueza plural da experiência humana, que não se fixa em determinações estanques, mas realiza-se apenas no movimento e no devir. Assim, aquela célebre "astúcia da razão", de que falava Hegel, não deve ser interpretada como uma necessidade cega, mas como um meio de resgatar o horizonte da compreensão histórica, sem o qual perdemos o sentido da liberdade e sucumbimos à pior das fatalidades, a que fetichiza a pura contingência dos acontecimentos.

Entretanto, a compreensão histórica não deve ser confundida com a ambição desmedida de descobrir as supostas leis férreas que determinam a história, porque esta é uma constelação de forças extraordinariamente complexa e, por isso, não cessa de nos desmentir e surpreender. E, sobretudo nós, que vivemos os últimos anos de nosso século conturbado, somos testemunhas privilegiadas do caráter irônico da história, pois este é um século que parece encerrar o curso dramático dos eventos que o convulsionaram com um estranho sentimento de indiferença e tédio. A sucessão de guerras, genocídios, terror e totalitarismos desaguou na hipocrisia da "pax americana" e na desordem cruel de um mundo condenado à ordem neo-liberal. Os "tempos sombrios", em que o ódio à humanidade manifestou-se na aberta intolerância ideológica e na aniquilação programática das minorias, não terminaram, mas parecem ter recuado, pois, afinal, qualquer perseguido político sabe que a passagem da ditadura à democracia pode significar a diferença entre a vida e a morte. Infelizmente, o recuo das sombras não deu lugar ao triunfo das luzes e, se o fastio recalcou o desespero, foi para que outras trevas se instalassem, aquelas que marcam nossos dias como "tempos de indignância". Por isso, se o nosso milênio termina sem fervores milenaristas e sem expectativas escatológicas, não há muito o que comemorar, porque a indignância, enquanto consciência ressentida e autocomplacente, ridiculariza a crítica e estigmatiza a resistência. Enquanto que, como bem viu Hannah Arendt, os "tempos sombrios" suscitaram em muitos corações a indignação moral, uma nova percepção solidária e o impulso de uma revigorada fraternidade.

Sem dúvida, a compreensão de nosso tempo como indigente produz um certo desconforto, do qual procuramos nos livrar recorrendo ao avanço inegável da modernização no pós-guerra e, então, apressamo-nos em enumerar fenômenos como a democratização da Europa, o processo de descolonização da África, a afirmação dos Direitos Humanos, a difusão do consumo de massa e, sobretudo, o esplendor das novas tecnologias. No entanto, esses alegados índices de progresso guardam, no plano de nossa história espiritual, uma obscura e contraditória continuidade com os fenômenos demoníacos de nosso século, como o nazismo e o stalinismo. Parece que a barbárie, a qualquer momento, pode

irromper novamente em qualquer lugar e em cada um de nós, porque o espectro do niilismo ronda o Ocidente, uma vez que a nossa civilização perdeu a certeza de si e o sentido de seu percurso civilizatório.

O desconcertante nesse diagnóstico é que, em nenhum outro estágio da humanidade produziu-se tanta riqueza e em nenhum outro valorizou-se tanto o bem-estar empírico e imediato dos indivíduos e, portanto, nenhuma época foi tão privilegiada quanto a nossa na possibilidade de lograr a consecução de seus fins. O bem-estar é nosso valor maior e a sua obtenção é factível, mas, apesar disso, algo parece interpor-se entre o objetivo da felicidade e sua realização. Ora, a idéia que desejamos desenvolver aqui é que a ciência, enquanto força cultural hegemônica, é o pressuposto, simultaneamente, de nosso êxito e de nosso fracasso: sem ela, é impossível formular o problema da felicidade de um modo empiricamente factível, isto é, em termos de satisfação e bem-estar, mas, com ela, é impossível formular o problema da felicidade de modo antropológicamente adequado. Assim, colocando a mesma idéia na forma de uma aporia, diríamos que as condições que nos permitem alcançar a felicidade são as mesmas que nos impedem compreender a felicidade.

Acreditamos que é nesse contexto aporético que podemos abordar, com maior profundidade e amplitude, a questão da ciência, ou seja, pensar a ciência de um ponto de vista estritamente epistemológico significa empobrecer a nossa perspectiva e reduzir o alcance de nossa reflexão. Ao contrário, a ciência deveria ser pensada a partir de uma dimensão antropológica, pois, não só nos seus efeitos, mas no seu próprio fundamento, o que está em jogo é um modo de conceber o homem. E, não é difícil perceber isso, pois quando o positivismo recusa incluir a ciência na discussão filosófica, o que está implícito nessa recusa é que a ciência é, por sua simples efetividade, útil ao homem, ou, a uma determinada concepção de homem.

No caso das Ciências Humanas e, em especial da Psicologia, a insistência numa abordagem exclusivamente epistemológica é desastrosa. Todos os que já passaram por um curso de psicologia sabem como os debates metodológicos em torno da idéia de cientificidade são enfadonhos e estéreis e como os alunos acabam fazendo uma opção teórica por motivos circunstanciais e, em consequência, tornam-se presas fáceis de todo tipo de dogmatismo. No entanto, quando a reflexão sobre a ciência é retomada numa direção antropológica, pode-se entender melhor porque as Psicologias, apesar de terem sofrido severos interditos epistemológicos, continuam obtendo tanto êxito. Pode-se entender, também, o destino singular da Psicanálise que, na vertente que vai de Freud a Lacan, abandonou o campo originário da positividade científica para transfigurar-se numa ética e, significativamente, numa ética do desejo, aquela que marca a ilusão e o irremissível fracasso de uma sociedade que fez da satisfação do indivíduo a verdadeira mediação de sua auto-justificação histórica.


A modernidade foi tragada pelo abismo cavado, por ela mesma, entre a ciência e a existência. O herói prometéico, no orgulho de seu desafio aos deuses, rompeu seus grilhões para descobrir-se, inesperadamente, prisioneiro de um pacto fáustico.



**Carlos Roberto Drawin**

Psicólogo e professor de  
Filosofia da UFMG





CONSELHO  
REGIONAL DE  
PSICOLOGIA  
CRP - 04



í o r n a l d o  
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 10 • Nº 43  
SETEMBRO / OUTUBRO 1993

# Alain Badiou

Alain Badiou havia entrevistado, em 1968, o jovem professor de então Michel Foucault, examinando na entrevista as relações entre Psicologia e Filosofia; em outras palavras, os dois haviam conversado sobre o estatuto epistemológico a ser atribuído à Psicologia. Recentemente essa entrevista foi republicada em Buenos Aires no jornal "La Caja".

Em setembro, Badiou passou uma semana entre nós. Aqui, questões que dizem respeito às relações entre Psicologia e Psicanálise foram levantadas; mais uma vez o estatuto da Psicologia estava em discussão.

Hoje temos uma situação política institucional favorável a um trabalho de reflexão; assim vejo com interesse o material organizado por aqueles que realizaram a entrevista com Badiou, por ocasião de sua passagem entre nós. Resta saber se a tradição filosófica que se faz presente, a Psicologia estabelecida institucionalmente, a Psicanálise tal como ela se anuncia, teriam encontrado em sua própria experiência condições que garantam uma certa fidelidade ao acontecimento.

*Célio Garcia*

O acontecimento é uma categoria decisiva na obra Badiouniana. Não articulável, instaura uma verdade e deixa um resto, embora possa ausentar-se da memória explícita. Por isso, é preciso uma intervenção, uma interpretação, para dar consistência a essa singularidade. O acontecimento pertence ao registro do dois e a essência que inaugura está distante da fatualidade ou da versão periodística dos episódios em que o verdadeiro está sempre emudecido.

Entre nós tem acontecido algo curioso; a grosso modo, poderíamos resumir assim: por um lado, um grande número de profissionais com formação acadêmica em Psicologia, que vêm aportando na Psicanálise, aí se instalando e se recusando à identidade de Psicólogos. De outro, psicólogos que insistem em que a Psicanálise invadiu o campo da Psicologia e que lamentavelmente não se ouve mais falar de Psicologia. Perguntamos o que o filósofo Alain Badiou pensa a esse respeito.

Eu creio que a grande dificuldade, nesse problema, é a questão do estatuto, da definição do que é chamado Psicologia. A Psicologia é uma disciplina que tem uma longa história e que conheceu duas etapas: Uma primeira etapa, quando a Psicologia foi muito ligada ao que poderíamos chamar "Filosofia Reflexiva" e, também, num certo sentido, à literatura. A Psicologia, no século XIX, por exemplo, se atém ao estudo e à descrição dos estados do sujeito psicológico, das paixões, dos afetos, numa visada analítica e reflexiva ligada a uma certa interpretação psicológica do cogito cartesiano, alguma coisa dessa ordem. Na França, temos grandes autores nessa perspectiva; penso por exemplo em Maine de Biran e em autores desse tipo. Numa segunda etapa, a Psicologia esteve encerrada no ideal da Ciência e quis se constituir numa disciplina positiva dentro do campo científico. Começou pelo estudo reflexo, depois o estudo fisiológico de um certo número de disposições psicológicas, como as emoções, por exemplo. Isso resultou no que vocês conhecem perfeitamente, ou seja, a Psicologia behaviorista, experimental, com todo um ramo tratando do que se chamou a psicologia dos animais e toda uma série de modelos científicos ou pretensamente científicos da Psicologia.

A Psicanálise não pertence a essa história, eis aqui o problema. Na realidade, a Psicanálise nunca foi um ramo da Psicologia. O meio no qual nasceu foi muito mais o da Psiquiatria, o que não é a mesma coisa. O próprio Freud não pertencia às correntes intelectuais da Psicologia, estava bem mais nos grandes debates sobre a Psiquiatria, a doença mental, que se tornaram importantes a partir do final do século XIX.

Desde sempre, a Psicanálise tem em relação à Psicologia uma *posição diagonal*, que não é uma posição de filiação direta. Portanto, sempre houve, eu creio, não somente agora, uma espécie de mal-estar entre Psicologia e Psicanálise, que se apresentavam menos como disciplinas concorrentes do que como disciplinas que não estavam constituídas no mesmo plano, nem histórica nem conceitualmente. Então, a partir disso, penso que houve duas tentativas contraditórias, notadamente antes e após a guerra. A primeira tentativa foi de utilizar a Psicanálise dentro da Psicologia; aliás, de pedir emprestado à Psicanálise um certo número de noções, de referências e de conceitos, de se servir da Psicanálise, no campo da Psicologia. Há toda uma série de coisas desse tipo. Por exemplo, nos testes projetivos, no que tange à doutrina de

Rorschach, etc, há manifestamente empréstimos feitos à Psicanálise.

A segunda tentativa foi de psicologizar a Psicanálise ela-mesma, ou seja, de trazer a Psicologia para o campo da Psicanálise e de conceber a Psicanálise como uma espécie de Psicologia. A orientação da Psicanálise americana, durante um bom tempo, concebe a Psicanálise como uma figura particular da Psicologia. As coisas estavam desse jeito num determinado momento, havendo circulações um pouco confusas entre Psicologia e Psicanálise, utilização psicológica de certos conceitos psicanalíticos e manejo psicológico da Psicanálise.

Creio que uma das grandes significações do empreendimento de Lacan foi quebrar esse movimento. Ou seja, Lacan foi aquele que restituiu à Psicanálise uma autonomia fundamental em relação ao campo da Psicologia, posicionando-se contra a idéia de que se podia utilizar a Psicanálise na Psicologia e contra a idéia de que a Psicanálise era ela-mesma uma Psicologia. Assim reconstitui a Psicanálise como clínica e como teoria, tendo suas orientações próprias e totalmente independentes da Psicologia. Isso cria uma situação bastante tensa hoje em dia, porque toda uma série de pessoas cuja formação é de psicólogos considera que a Psicanálise é o que há de mais interessante, de mais significativo, de mais rico para o pensamento; mas na realidade a Psicanálise não tem nada a ver com a Psicologia. Acho que realmente trata-se de uma outra disciplina e que, quando com uma formação de Psicólogo se aborda a Psicanálise, trata-se na verdade não de uma continuidade mas de uma descontinuidade. O elemento de descontinuidade é, na minha opinião, dominante.

**"A Psicologia não existe no que diz respeito ao pensamento, à verdade, no que diz respeito justamente ao que se pode considerar como acontecimentos na vida intelectual da Humanidade"**

Inversamente, aqueles que permanecem puramente psicólogos se encontram num grande mal-estar em relação a essa força de pensamento, a essa sedução intelectual e clínica exercida pela Psicanálise. Penso que esse mal-estar é inevitável e muito difícil de se tratar, porque, no fundo, para ir realmente ao fundo das coisas, é preciso ter a coragem de dizer que o conjunto de disciplinas agrupadas sob o nome de Psicologia, por um lado, e de Psicanálise, por outro, representam orientações de pensamento fundamentalmente diferentes. Mas a situação concreta torna isso difícil, porque a Psicanálise exerce uma atração importante justamente no meio formado pela Psicologia ou que foi educado na Psicologia.

Resumiria a dificuldade do seguinte modo:

# A respeito das v

socialmente e institucionalmente, a Psicanálise é considerada em continuidade com a Psicologia, enquanto que, na minha opinião, conceitual e intelectualmente ela é em descontinuidade com a Psicologia. Então o mal-estar é o de se tratar uma descontinuidade como se fosse uma continuidade, há sempre um momento em que se chega à ruptura e, efetivamente, há efeitos institucionais, coletivos e que são efeitos difíceis.

Dentro disso, perguntaria sobre a descoberta do inconsciente, enquanto "acontecimento", e a partir disso, como fica a Psicologia, sem tomar em conta esse "acontecimento"?

Em primeiro lugar, sobre o primeiro ponto, é incontestável que a invenção freudiana é um dos grandes acontecimentos do pensamento de nossa época, sem dúvida nenhuma, e diria que a longa história da Psicanálise é a tentativa de ser *fiel* a esse acontecimento, no meu vocabulário. Isso foi realmente muito difícil, já que alguém como Lacan teve que propor, num determinado momento, um retorno a Freud. E, se ele dizia retorno a Freud, era porque a fidelidade ao acontecimento Freud estava perdida, havia se extraviado, a verdade havia se perdido. Tudo isso é incontestável e diria que a Psicologia na sua relação, ao mesmo tempo crítica e acadêmica à Psicanálise, é de fato uma negação a esse acontecimento. Não há dúvida que ela considera a Psicanálise como uma técnica possível em meio a outras. E se se considera a Psicanálise como uma técnica possível entre outras, nega-se absolutamente o caráter de acontecimento da invenção de Freud.

Vou lhes dizer alguma coisa com a minha liberdade de filósofo, pois não estou na situação de vocês. Direi que do meu ponto de vista a Psicologia não existe. Quero dizer, existe como prática institucional, figura social, técnica, terapêutica, mas no que diz respeito ao pensamento, à verdade, no que diz respeito justamente ao que se pode considerar como "acontecimentos" na vida intelectual da humanidade, considero que a Psicologia não existe. O problema da Psicologia é que, a meu ver, ela é constituída pelo conjunto de técnicas que chamarei de técnicas de adaptação social. É uma disciplina que só se pode compreender, hoje em dia, em ligação a toda uma série de problemas de origem social que são tratados através de técnicas de Psicologia, quer se trate da adaptação de crianças ao universo escolar, da adaptação das pessoas a seu universo profissional e à seleção social, porque afinal de contas a Psicologia é também testes, orientação e, assim, uma decisão sobre o futuro das pessoas. Sabe-se que se faz Psicologia para selecionar pessoas para a entrada em tal ou qual estabelecimento público ou privado, e assim por diante. A Psicologia é também a técnica das relações humanas nas Empresas, *é tudo que se quer. Então, afinal de contas, é o quê?* Numa época em que o indivíduo se relaciona com o sistema social violento e anárquico, a Psicologia é uma tentativa de consertar as coisas por meio de métodos de exames, de

# Verdades

adaptação e de seleção para que essa relação seja um pouco menos dura para os indivíduos em questão. Se tivesse que definir a Psicologia, diria que é uma técnica de adaptação e de orientação social que visa a particularidade individual, o que a singulariza em relação à sociologia e em relação a outras ciências sociais.

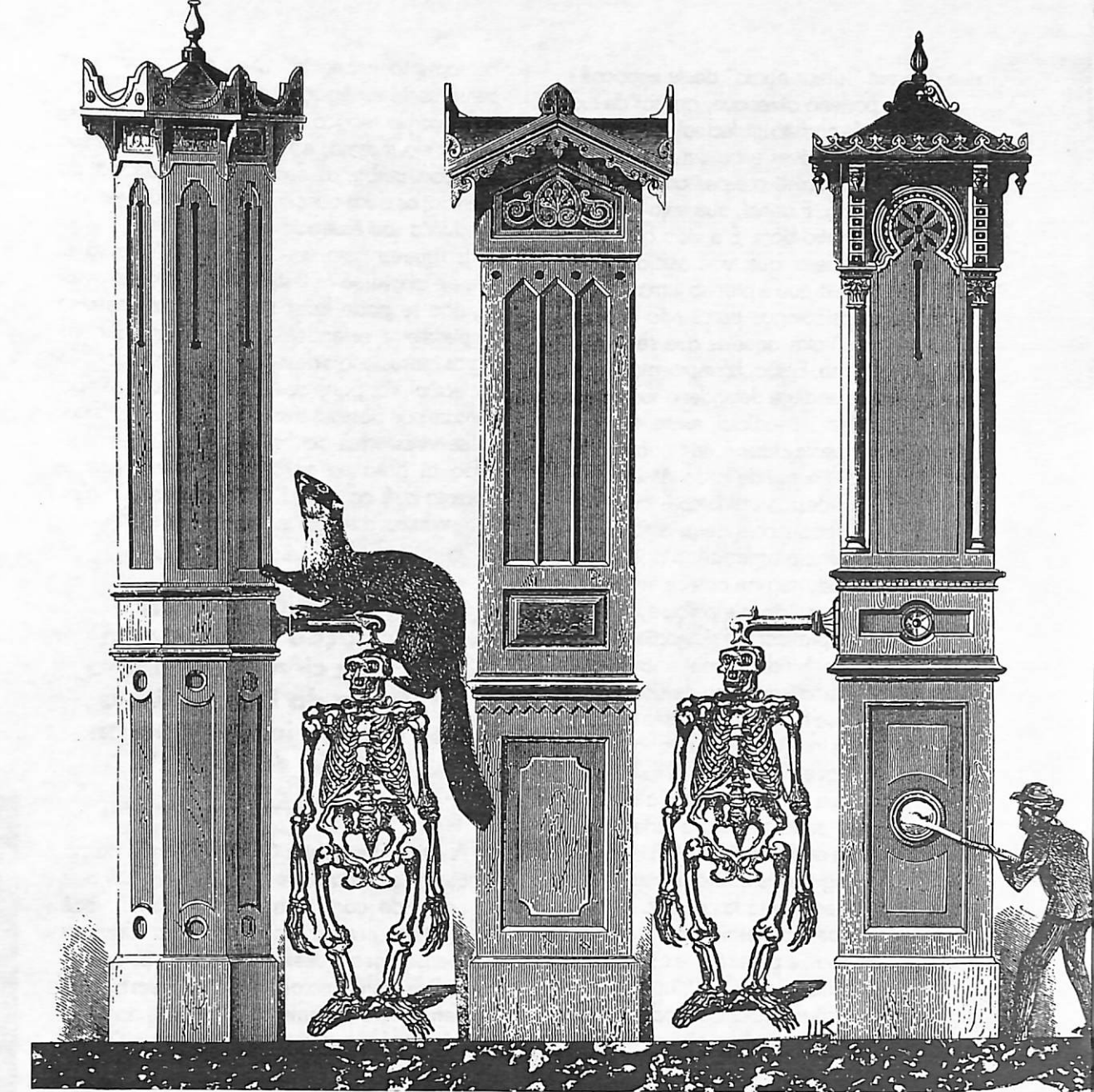
## "Lacan foi aquele que restituiu à Psicanálise uma autonomia fundamental em relação à Psicologia"

Bem, para o filósofo, isso quer dizer que ela faz parte da realidade, mas deve ser pensada no registro das técnicas e não no registro do pensamento. Se se considerar o que é realmente um pensamento capaz de produzir verdade, o que constitui uma clínica autêntica, para meus olhos de filósofo, somente há a Psicanálise. Desse modo, a partir de Freud, somente existe a Psicanálise. Para se manter fiel a esse "acontecimento", não se pode considerar ao mesmo tempo que a investigação do que é um sujeito, pelos métodos de Freud e Lacan e pelos métodos da Psicologia do Comportamento, seja compatível. Então, o que se pode fazer é separar as coisas, dizendo que há um universo de técnicas de adaptação subjetiva e social, que pode ter o seu interesse, que pode ser útil, que é talvez necessário e depois, por outro lado, há a Psicanálise, que é um verdadeiro dispositivo de pensamento e de clínica.

Alain Badiou, como filósofo e professor universitário, parece propor uma certa organização política. Face a essa situação de conflito entre duas orientações de pensamento diferentes, de que modo o psicólogo pode enfrentar isso? Há uma possibilidade, ou não?

É uma pergunta difícil porque... Pode-se tentar comparar com o que sucedeu num determinado momento na relação entre a Psicanálise e a Medicina. No início a Psicanálise se apresentou como um ramo da Psiquiatria e depois houve uma história também muito conflituosa, pois durante longo tempo os psicanalistas eram também, necessariamente, psiquiatras e alguns ainda o são hoje. Ao mesmo tempo, o estatuto da Psicanálise havia se destacado pouco a pouco do estatuto da medicina e os psicanalistas se perguntaram como eles poderiam se organizar, que relações existiam entre a sua organização e as grandes organizações médicas e psiquiátricas. Houve e ainda há dificuldades e conflitos nesse ponto. Há países onde é muito difícil ser psicanalista sem ser médico; pede-se mesmo inscrição nos conselhos das ordens de médicos. Ao mesmo tempo existe cada vez mais psicanalistas que não têm formação médica e psiquiátrica.

Existe uma primeira observação a fazer, é que tudo que toca à Psicanálise traz problemas muito complicados no que diz respeito à organização e



ao coletivo. Não somente em sua relação com as outras disciplinas, como a Psicologia e a Medicina, mas também na Psicanálise propriamente dita, já que a história das organizações de Psicanalistas é uma história extremamente atormentada, extremamente difícil, marcada por cisões, fundações e reagrupamentos muito numerosos. No fundo, a Psicanálise sempre procurou se organizar em cima de suas próprias forças, sem entrar nos quadros pré-estabelecidos pelo Estado ou pela Administração. Desse ponto de vista, há uma política inteiramente particular de Psicanálise; é uma política que sempre procurou ser uma política independente, desenvolver suas próprias organizações através de decisões coletivas dos psicanalistas. Então, essa questão da organização dos Psicanalistas é de qualquer modo muito difícil.

## "A partir de Freud, somente existe a Psicanálise"

É ainda mais difícil quando é misturada à questão do quadro regulamentado pelo Estado, como a organização da Psicologia. Eu compreendo perfeitamente que se trata de um problema extremamente difícil. Penso que seria necessário tentar separar as coisas tão claramente quanto possível, em vez de confundí-las. Porque, se existe um quadro de organização do que se chama dos psicólogos, devemos considerá-lo como uma espécie de quadro profissional e social que indica e regulamenta um certo número de práticas sociais necessárias. E se há psicanalistas, há vontade

pessoal individual de se ter acesso à Psicanálise, estes devem se organizar no campo próprio da Psicanálise.

Não creio que seja possível transportar as regras de organização da Psicanálise para o interior de um quadro previsto pelo Estado ou Administração para os psicólogos. Creio que isso criará necessariamente uma situação sem saída e, além disso, uma situação onde a Psicanálise terminará por desempenhar um papel um pouco turvo, difícil, pois não acho que seja a vocação da Psicanálise adentrar nos quadros administrativos formulados pelo Estado e cuja finalidade ou destinação é, afinal, o que chamava um conjunto das técnicas de adaptação e de orientação social.

É preciso não perder de vista que a Psicanálise não pode se colocar a serviço do Estado. E qualquer que seja a forma desse serviço, creio que é absolutamente impossível. Ela pode certamente se colocar a serviço das pessoas e, afinal de contas, cada psicólogo - quer dizer, psicólogo tomando o sentido social e profissional - pode se referir à Psicanálise como ele a entende, ele está livre... Mas do ponto de vista da Instituição, mesmo se ela contém muitos psicólogos na realidade psicanalistas, tentados pela Psicanálise, creio que não se pode nunca considerá-la como uma instituição que seria da Psicanálise para a Psicanálise. É preciso separar as coisas, e seguir pensando que as instituições psicanalíticas são instituições independentes e que as organizações administrativas da Psicologia são uma outra coisa, mesmo que dentro delas existam pessoas que optaram por seguir seu próprio caminho na Psicanálise.

Pode-se dizer que os psicólogos não psicanalistas têm razão de se queixar dos psicanalistas

que querem "tomar conta" deste espaço?

Sim, se poderia dizer que, apesar de tudo, uma espécie de conflito intelectual ou ideológico é um pouco inevitável entre um psicólogo de estrita formação objetiva e pessoas de orientação psicanalítica. E afinal, que haja conflitos e discussões, é muito bom. É a vida das coisas, não se pode querer que tudo esteja calmo e tranquilo. Eu creio que é preciso tomar cuidado para que os psicólogos puros não procurem eliminar ou maltratar aqueles que se deliciam com a Psicanálise. Então, há momentos em que é preciso se defender e defender a sua posição - isso é da ordem do judicial, existe. O que eu queria simplesmente dizer é que não creio ser razoável que em nome da Psicanálise procure-se apropriar-se dessas instituições como tais, porque não se pode considerar a Psicanálise como uma tendência organizada das administrações do Estado, isso me parece insensato. É preciso então ficar vigilante para se ter a liberdade de poder praticar a Psicologia como se bem entende, incluindo eventualmente a sua experiência de analisando ou de analista. Ao mesmo tempo que é preciso que essa liberdade seja conservada integralmente, não vale a pena se lançar em o que pareceriam batalhas administrativas, onde a Psicanálise seria a bandeira. Creio que não seria realmente adequado à essência mesma da Psicanálise. A Psicanálise é sempre sob o regime de auto-organização, ela não pode estar emoldurada por uma organização exterior. Mas, ao mesmo tempo, não deve deixar-se perturbar, é preciso que as discussões tenham lugar, e não devem os Psicólogos puros dirigir as instituições e lutar de modo raivoso e administrativo contra aqueles que se autorizam da Psicanálise.

Há a possibilidade de que a reflexão dentro de um certo campo, por exemplo o da Ciência, possa produzir verdade e fica clara a dificuldade de coabitação entre a Psicologia e a Ciência. É bem mais o ideal de Ciência que habita os campos da Psicologia e não uma produção de conhecimentos científicos.

Exato.

E no caso da Psicanálise é o contrário, quer dizer, a Psicologia tem por autoridade a Ciência e a Psicanálise deve encontrar seus fundamentos, seus métodos. Então, será que há aí um problema teórico de fundo que impede verdadeiramente uma coabitação entre os psicólogos e os psicanalistas?

Mas isso é certo, pode ser dito muito simplesmente: a Psicanálise e a Psicologia não têm o mesmo ideal, não são dirigidas pelo mesmo ideal. A Psicanálise pode, durante um certo tempo, ter estado também, em parte, sob o ideal da Ciência. Foi o caso de Freud e até num certo momento de Lacan, mas a relação da Psicanálise ao ideal da Ciência, quando existe, é completamente diferente da relação da Psicologia ao ideal da Ciência. Na Psicologia, existe uma relação exterior a esse ideal da Ciência, uma relação no fundo de técnicas e de experiências, enquanto que a relação da Psicanálise ao ideal da Ciência é uma relação interna à teoria do sujeito, trata-se de uma coisa completamente diferente. E aí é certo que é muito difícil se discutir quando não há o mesmo ideal, sabe-se muito bem disso: os conflitos de ideais são conflitos que tornam muito difícil a discussão. E a discussão é bem mais difícil, na minha opinião, na medida em que a Psicologia, muito longe de ser uma Ciência, é na realidade uma técnica com ideal científico, enquanto a Psicanálise - é bem o que você dizia - ela é um

pensamento imanente. Quer dizer que é um pensamento em ligação com a clínica e ligado a um corpo teórico já constituído, e tenta se pensar ela mesma; eis o seu problema ou sua ambição. Então, as duas relações ao ideal da Ciência, as duas concepções do pensamento e da clínica são essencialmente diferentes.

É o que eu dizia, um certo conflito é inevitável e se ele atravessa as instituições, ele as atravessa, não se pode fazer nada. Talvez possa-se simplesmente entender, ou tentar entender, as regras institucionais desse conflito, desse conflito intelectual. Por parte dos psicanalistas, eles não pensam que possam existir instituições da Psicanálise vinculadas ao Estado. Então, eles não estão aí para se apropriar de tudo isso e governá-lo. É no mínimo a concessão que eles podem fazer a seus interlocutores.

---

**"Na Psicologia existe uma relação exterior com o ideal da ciência enquanto a relação da Psicanálise a esse mesmo ideal é interna à teoria do sujeito"**

---

A última pergunta: Quer dizer que há no ideal da Psicologia um ideal terapêutico que se confunde com uma técnica, como você disse, e isso produz uma certa ética. Como o Sr. pensa essa questão da Ética, já que a Psicanálise tem uma outra, ela não tem a ética do bem, que é justamente aí o ponto da ética da Psicologia, e que é completamente ligada aos interesses do Estado?

Mas é claro. Quando dizíamos conflitos ideais a respeito da Ciência, poderíamos igualmente dizer conflitos éticos, pois eu colocaria evidentemente a *Psicanálise* no que eu chamo a "ética das verdades", com a máxima de "não ceder sobre o seu pensamento" ou "não ceder sobre a verdade", já que a *ética da Psicologia* é, como você mesmo disse, a ética do bem. Mais definitivamente, a *ética do bem social*. Quer dizer, é uma ética da normatividade, necessariamente.

No fundo, se poderia perfeitamente dirigir à ética da Psicologia as críticas que Lacan dirigia à concepção normativa e adaptativa da Psicanálise americana. O que ele dizia afinal de contas é que a Psicanálise americana consiste em ligar as pessoas ao *American Way of Life* e coisas desse gênero. A Psicologia visa o bem, mas visa o bem em condições definidas pela sociedade e o estado de coisas atuais.

Ainda uma vez, às vezes é preciso que haja técnicas de adaptação; simplesmente, a ética dessas técnicas é irreduzível à ética da Psicanálise. Que a ética da Psicanálise, na medida em que produz efeitos cria algo que é, num certo sentido, fundamentalmente da ordem do inadaptado, porque, é claro, e falávamos a respeito das verdades, a verdade é justamente o que é inadaptado na ordem do saber e das situações. Então há efetivamente um conflito ético incontestável.

Fica evidente que da ética decorre um produto político, com uma posição mais conservadora, adaptadora (a Psicologia) e uma outra (a Psicanálise), tentando introduzir algumas referências emancipadoras em relação ao sujeito humano.

Sim. Talvez deva-se deixar as coisas no terreno da ética, porque a questão da política engaja outros atores. ■